



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

IONARA SOARES DA SILVA
LUCIANA ARAÚJO DOS SANTOS

TRABALHO: MOTIVO DE ABANDONO OU VOLTA PARA A ESCOLA?

JOÃO PESSOA
2014

IONARA SOARES DA SILVA
LUCIANA ARAÚJO DOS SANTOS

TRABALHO: MOTIVO DE ABANDONO OU VOLTA PARA A ESCOLA?

Monografia submetida ao Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciada Plena em Pedagogia.

Orientador(a): Prof^a MS Laura Maria de Farias Brito

JOÃO PESSOA
2014

S586t Silva, Ionara Soares da.

Trabalho: motivo de abandono ou volta para a escola? / Ionara Soares da Silva, Luciana Araújo dos Santos. – João Pessoa: UFPB, 2014.
61f. ; il.

Orientador: Laura Maria de Farias Brito
Monografia (graduação em Pedagogia) – UFPB/CE

1. Trabalho. 2. Escola. 3. Educação de jovens e adultos.
I. Santos, Luciana Araújo dos. II. Título.

UFPB/CE/BS CDU: 374.7 (043.2)

IONARA SOARES DA SILVA
LUCIANA ARAÚJO DOS SANTOS

TRABALHO: MOTIVO DE ABANDONO OU VOLTA PARA A ESCOLA?

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em
Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, como pré-
requisito para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: 27/03/2014

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a MS. Laura Maria de Farias Brito (DME/UFPB)
(Orientadora)

Prof.^a Isolda Ayres Viana Ramos (DME/UFPB)

Prof. MS Luciano de Sousa Silva (DME/UFPB)

Dedicatória

Aos nossos pais José Soares da Silva e Maria Madalena Alves Soares; Luiz Assunção dos Santos e Severina do Ramo Araújo pelo apoio e dedicação dos mesmos durante todo o período da nossa graduação.

A professora Laura Maria de Farias Brito por sua paciência, colaboração e amizade.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter me dado o dom da vida, sabedoria, determinação e força de vontade tanto durante a elaboração do presente trabalho como durante toda a trajetória do Curso de Pedagogia.

Aos meus pais, irmãos e demais parentes e amigos por terem estado sempre do meu lado me apoiando, motivando e ajudando durante toda a caminhada acadêmica.

As professoras, Laura Maria de Farias Brito, orientadora do presente trabalho construído em conjunto por mim e minha amiga e colega de Curso Luciana Araújo pois sem ela não seria possível a concretização desse trabalho e a Marlene França por estar presente durante a construção do Projeto de TCC e ter nos ajudado na construção do mesmo.

A Luciana Araújo, por ter estado sempre presente desde o início do Curso até o presente momento, e por ser uma amiga especial que espero que continue fazendo parte da minha vida, que a nossa amizade se prolongue para além da Universidade.

Aos alunos do 3º ano da EJA nível médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Engenheiro José D'ávila Lins por terem participado desse processo nos permitindo conhecer suas trajetórias escolares, pois sem eles não teríamos avançado em nossa pesquisa e não chegaríamos aqui.

Aos professores e diretores da referente instituição por terem nos recebido tão bem em seu ambiente de trabalho e terem nos ajudado sempre que necessário. E aos demais professores e colegas do Curso de Pedagogia que fizeram parte da nossa graduação.

Ionara Soares da Silva.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, a Ele toda honra e toda glória que permitiu que esse grande momento acontecesse em minha vida. Agradeço por meu Deus ter me iluminado durante essa fase de elaboração e conclusão do TCC, pela minha saúde, pela força que me deu para eu poder superar todas as minhas dificuldades, e por suprir cada uma das minhas necessidades, inclusive meu sono nas noites que passei sem dormir.

A minha querida e amada mãe Severina, que sempre me apoiou e me amparou nos momentos que achei que não ia conseguir, que me passava segurança e certeza de que não estou sozinha, que me incentivava a prosseguir e não me deixava fraquejar. Agradeço-te também minha mãezinha por seu cuidado e dedicação, que não mediu esforços para que eu chegasse até esta etapa da minha vida. E dizer que sem a senhora ao meu lado nada teria sentido.

Aos meu familiares, pai, avó, tio e tia pelo amor, incentivo e apoio nas horas difíceis. Ao meu noivo por sua capacidade de acreditar em mim e me incentivar nas horas de desânimo e cansaço.

Agradeço a todos os professores que me acompanharam durante a graduação e que me proporcionaram o conhecimento que me ajudou no meu processo de formação profissional, em especial a minha orientadora Laura Maria de Farias Brito, pela sua amizade, pelos seus ensinamentos, pela orientação, pela paciência, pelas suas correções e pelo suporte que me deu, e também a minha querida Isolda Ayres que é um prazer tê-la na banca examinadora.

Agradeço a Ionara Soares, amiga de todas as horas, que foi tão importante na minha vida acadêmica e no desenvolvimento desta monografia. Pela compreensão, amizade, e posso dizer que minha formação, inclusive pessoal, não teria sido a mesma sem a sua presença.

Ao curso de Pedagogia e aos colegas com quem convivi nesse espaço ao longo desse 4 anos e 3 meses. A Universidade Federal da Paraíba pela oportunidade de fazer o curso. E a todos que direta e indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

Luciana Araújo dos Santos.

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

Paulo Freire

RESUMO

Este estudo tem como objetivo identificar como sucede a relação entre o Trabalho x Escola dos alunos do 3º ano da modalidade EJA nível médio de uma escola da rede pública estadual, do Município de Bayeux/PB. A pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Engenheiro José D'ávila Lins na turma do 3º ano, do Ensino Médio, da EJA utilizando questionários e entrevistas compostas de questões fechadas e abertas, junto a professor e alunos da turma no qual o público predominante era composto por jovens. O trabalho tomou como fundamento a leitura de diversos autores como: Brunel (2004); Di Pierro (2005); Arroyo(2006); Freire(1995), publicações da SECAD/MEC, documentos legais relacionados à EJA entre outros. Este trabalho foi organizado da seguinte forma: iniciou-se com a apresentação, onde destacamos os objetivos, a hipótese, a metodologia utilizada, os autores utilizados e continuando, o mesmo foi dividido em três partes onde na segunda parte abordamos as concepções e funções da EJA e o público por ela atendido. Na terceira parte focamos a categoria TRABALHO e abordamos as políticas públicas relacionadas aos jovens e sua relação com o mundo do trabalho. Na quarta parte destacamos a análise dos dados objeto da nossa pesquisa. Por último, apresentamos as Considerações Finais e as Referências. Enfim buscamos no decorrer do presente trabalho apresentar essa modalidade de ensino destinada aos jovens e adultos evidenciando seus objetivos, funções, público e destacando o fato de cada vez mais jovens estarem optando pela EJA. Também ressaltamos a dificuldade que os alunos têm de conciliarem o trabalho com os estudos podendo assim por esse motivo levá-los ao abandono ou não da escola.

Palavras-chave: Trabalho, Escola, Jovens.

ABSTRACT

This study aims to identify as in the relationship between x Work School students of the 3rd year of the sport EJA average level of a school of public schools , the city of Bayeux / PB . The research was conducted at the Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Engenheiro José D'ávila Linsclass in the 3rd year of high school, the EJA using questionnaires and interviews consist of open and closed questions , with the teacher and students in the class in which the audience was predominantly composed of young people . The work took as basis the reading of various authors as: Brunel (2004), Di Pierro (2005), Arroyo (2006), Freire (1995), publications SECAD / MEC , legal documents related to EJA among others . The paper is organized as follows : it started with the presentation , which include objectives, hypothesis, methodology , the authors used and continuing , it was divided into three parts where the second part we discuss the concepts and functions of EJA and the public served by it . In the third part we focus on the WORK category approach and public policies related to young people and their relationship with the world of work . In the fourth part we emphasize the analysis of the data object of our research .Finally , we present the Concluding Remarks and References . Finally we seek in the course of this work provide this type of education for young people and adults showing their goals , functions , public and highlighting the fact that more and more young people are opting for EJA . We note the difficulty that students have to reconcile work with such studies could therefore lead them to abandon school or not .

Keywords : Work, School , Youth .

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	13
2. COMPREENDENDO A EJA E OS JOVENS DA EJA.....	15
2.1 O jovem e sua opção cada vez mais frequente pela EJA.....	21
3. OS JOVENS E O MUNDO DO TRABALHO.....	26
3.1 Políticas públicas direcionadas a juventude.....	29
3.2 O jovem e o primeiro emprego.....	34
4. RELAÇÃO ESCOLA X TRABALHO: VISÃO E VIVÊNCIA DOS JOVENS DA EJA.....	37
4.1 Os alunos da EJA e suas relações com o Trabalho.....	45
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	52
ANEXOS.....	56

LISTA DE SIGLAS

ALFASOL - Alfabetização Solidária

CEB - Câmara de Educação Básica

CNE - Conselho Nacional de Educação

CONFITEA - Conferência Internacional de Educação de Adultos

CONJUVE - Conselho Nacional de Juventude

DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

EJA - Educação de Jovens e Adultos

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PBA - Programa Brasil Alfabetizado

PNAD - Pesquisa Nacional de Amostra Domiciliar

PNJ - Política Nacional de Juventude

PNPE - Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego

PPA - Plano Plurianual

PPJ - Políticas Públicas da Juventude

PROJOVEM - Programa Nacional de Inclusão de Jovens

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SECAD - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade

SNJ - Secretaria Nacional de Juventude

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

1 APRESENTAÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como principal objetivo atender exigências acadêmicas para conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia, na Área de Aprofundamento em Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba.

Definimos como tema da nossa pesquisa “Trabalho: motivo de abandono ou volta para a escola?”. Esse tema foi escolhido com a finalidade de identificar como sucede a relação entre o Trabalho x Escola dos alunos do 3º ano da modalidade EJA nível médio de uma escola da rede pública estadual, do Município de Bayeux/PB.

O interesse pelo tema surgiu através da disciplina Educação de Jovens e Adultos, cursada no 7º período do Curso, por meio dos conteúdos trabalhados, textos lidos e produzidos, pesquisas realizadas e debates em sala de aula.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Engenheiro José D’ávila Lins foi o local escolhido para a realização da pesquisa, pois verificamos durante o nosso Estágio Supervisionado que a mesma apresenta um elevado índice de alunos que já trabalham e estudam na EJA.

A nossa **hipótese** é no sentido de que o fato dos alunos já estarem inseridos no mercado de trabalho, possa influenciar na elevação do índice de evasão escolar, considerando que os alunos (trabalhadores) da EJA podem vir a abandonar a escola pelo fato de não conseguirem conciliar o trabalho com os estudos. Admitindo que o aluno trabalhador tem uma rotina cansativa, pois além de exercer alguma forma de trabalho durante o dia, ainda procuram ou decidem estudar à noite, existe uma possibilidade real de abandono à escola, seja pelo cansaço de uma longa jornada de trabalho, a maioria demandando muito esforço físico, como é o caso das babás, faxineiras, diaristas, vendedores, jardineiros, seja pelo fato de acreditarem que, por já trabalharem e terem uma renda financeira não precisam mais estudar.

Definimos como **objetivo geral**: Identificar até que ponto o mercado de trabalho influencia no abandono aos estudos dos jovens da EJA na EEEFM. Engenheiro José D’ávila Lins e como **objetivos específicos**: a) Identificar o perfil dos jovens em relação ao mercado de trabalho (se já trabalham; se estão em busca ou se apenas estudam); b) Informar-se a respeito de como conciliam os tempos e

espaços para trabalho e estudo; c) Verificar como a escola lida com a situação dos jovens que estudam e trabalham.

Este estudo foi fundamentado na leitura de diversos **autores**, entre os quais destacamos: BRUNEL (2004); DI PIERRO (2005); ARROYO (2006); FREIRE(1995), publicações da SECAD/MEC¹ e na consulta de documentos legais relacionados à EJA

Quanto à **metodologia** presente pesquisa teve como base uma análise acerca do objeto de estudo proposto, no qual o trabalho foi embasado por pesquisa de natureza exploratória, de abordagem quanti-qualitativa com o intuito de identificar, analisar e ponderar as disposições e perspectivas contidas na abordagem do tema sugerido. Segundo Gil (2006, p. 43), “a pesquisa exploratória tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, a fim de formular problemas e/ou hipóteses pesquisáveis em estudos posteriores.”

A pesquisa foi realizada na turma do 3º ano, do Ensino Médio, da EJA, na EEEFM Engenheiro José D’ávila Lins localizada na Engenheiro de Carvalho S/N – Centro – Bayeux/PB.

Utilizamos como instrumentos de coleta de dados, questionários e entrevistas compostas de questões fechadas e abertas, junto a professor e alunos da turma, sendo garantido aos respondentes/entrevistados, o anonimato, o esclarecimento acerca dos objetivos dos estudos, o sigilo das informações coletadas. Destacamos que a pesquisa só foi realizada após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Segundo Parasuraman (1991), um questionário é tão somente um conjunto de questões, feito para gerar os dados necessários para se atingir os objetivos do projeto. Embora o mesmo autor afirme que nem todos os projetos de pesquisa utilizam essa forma de instrumento de coleta de dados, o questionário é muito importante na pesquisa científica.

Este trabalho foi organizado da seguinte forma: na segunda parte abordamos as concepções e funções da EJA e o público por ela atendido. Na terceira parte focamos a categoria TRABALHO e abordamos as políticas públicas relacionadas aos jovens e sua relação com o mundo do trabalho. A análise dos dados objeto da nossa pesquisa foi contemplada na quarta parte. Por último, apresentamos as Considerações Finais e as Referências Bibliográficas.

¹ Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade

2 COMPREENDENDO A EJA E OS JOVENS DA EJA

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino destinada a jovens e adultos que não conseguiram concluir a Educação Básica na idade considerada *apropriada*.

A partir dos 15 anos acima, jovens e adultos que não conseguiram concluir seus estudos por motivos os mais diversos (necessidade de trabalhar ainda na infância; inexistência de escolas, principalmente na zona rural; dificuldades de se adaptarem à escola cujos conteúdos e metodologias se apresentaram - e, reconhecidamente ainda predominam - distantes, estranhos ao seu cotidiano, gerando sentimentos de incapacidade, de inferioridade) podem se matricular em turmas de EJA no Nível Fundamental (a partir dos 15 anos) ou no Nível Médio de Ensino (a partir dos 18 anos).

A partir da década de 40, do século passado, a educação escolar destinada aos jovens e adultos era, principalmente através do Ensino Supletivo, que em 1971 por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 5.692/71 foi regulamentado. O mesmo tinha como objetivo “suprir a escolarização regular para adolescentes e adultos, que não a tinham seguido ou concluído na idade própria”

O Ensino Supletivo era um recurso de suplência que era realizado através de cursos que poderiam ser ministrados pelo ensino a distância ofertado em centros de estudos e telecursos seja por correspondência ou outros meios apropriados para disponibilizar o mesmo.

A partir da Lei nº 9.394/96 a idéia de Ensino Supletivo que estava em vigor através da Lei 5.692/71 desaparece, continuando apenas a manutenção nominal do termo supletivo unicamente para os exames e uma nova concepção de educação escolar é criada.

Através dessa nova concepção o ensino que antes era ofertado à população jovem e adulta que não teve acesso a conclusão da escolarização regular na idade *adequada* deixou de ser suprido apenas pelo Ensino Supletivo e passou a ser ofertado a essa população, também, por meio de uma nova modalidade de ensino criada através da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 9.394/96 denominada de Educação de Jovens e Adultos (EJA) destinada às etapas da Educação Básica Fundamental e Média. É importante ressaltar que, ao longo da História da EJA,

Projetos, Campanhas e Programas de Alfabetização foram criados, por iniciativa do poder público ou da sociedade civil organizada. Atualmente, estão sendo desenvolvidos: o Programa Brasil Alfabetizado (PBA), Alfabetização Solidária (ALFASOL), PROJOVEM URBANO, PROCAMPO, dentre outros.

Pode-se dizer, então, que a EJA não é mais tratada como um favor ou como uma mercadoria a ser vendida. A EJA é um direito assegurado a todos jovens e adultos tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Médio. Isto é o que prevê a LDB em vigor, no Artigo 37 (*a Educação de Jovens e Adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria*).

Portanto, a EJA é um direito público e um dever do Estado que deve ser garantido a todos jovens e adultos que tiveram que abandonar a escola e não concluíram a Educação Básica na idade considerada *apropriada*.

A educação de adultos torna-se mais que um direito: é a chave para oséculo XXI; é tanto consequência do exercício da cidadania como condição para uma plena participação na sociedade. Além do mais, é um poderoso argumento em favor do desenvolvimento ecológico sustentável, da democracia, da justiça, da igualdade entre os sexos, do desenvolvimento socioeconômico e científico, além de um requisito fundamental para a construção de um mundo onde a violência cede lugar ao diálogo e à cultura de paz baseada na justiça. (UNESCO, 1997, p. 19)

A EJA tem sido pensada e defendida no sentido de ser adequada às necessidades e interesses reais do público ao qual se destina. Isto já fora previsto no art. 4º, inciso VII da LDB. O Estado tem como dever com a educação escolar pública assegurar a garantia de:

[...]VII – oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola; (p. 9)

Esta idéia é retomada no PARECER CNE/CEB 11/2000 apud o PARECER CNE/CEB nº 15/98, segundo o qual, os alunos da EJA possuem um perfil que deve ser considerado pois os mesmos são:

[...] adultos ou jovens adultos, via de regra mais pobres e com vida escolar mais acidentada. Estudantes que aspiram a trabalhar, trabalhadores que precisam estudar, a clientela do ensino médio tende a tornar-se mais heterogênea, tanto etária quanto socioeconomicamente, pela incorporação crescente de jovens adultos originários de grupos sociais, até o presente, sub-representados nessa etapa da escolaridade. (p. 9)

Neste sentido, Di Pierro (2005) ressalta que os alunos da EJA são:

[...] adolescentes e jovens pobres que, após realizar uma trajetória escolar descontínua, marcada por insucessos e desistências, retornam à escola em busca de credenciais escolares e de espaços de aprendizagem, sociabilidade e expressão cultural. (p. 4).

Por sua vez, Alvares (2010) acredita que as turmas de EJA são formadas em sua grande maioria por alunos que foram:

[...] expulsos do sistema regular, migrando-se para a Educação de Jovens e Adultos, formando grupos sociais que valorizam sobremaneira o convívio no espaço escolar, tornando a sociabilidade uma questão central em sua escolarização. Muitas vezes privados de outros espaços de socialização, esses jovens esperam encontrar na escola não só um lugar para encontro entre os seus pares, mas também um território para práticas e manifestações culturais, das quais as diversas juventudes brasileiras são representantes (p. 81).

As **funções da EJA** estão previstas e/ou definidas no PARECER CNE/CEB 11/2000 com as seguintes denominações: reparadora, equalizadora e permanente.

A **função reparadora** da EJA é a função responsável por reparar e garantir que todos os jovens e adultos, que tiveram seus direitos negados, em relação ao acesso à escola e à conclusão da Educação Básica, no período e na idade considerados adequados, possam ter, através dela, seus direitos garantidos. Através dessa função deve ser assegurado a todos os jovens e adultos o direito a uma escola de qualidade, gratuita, onde eles possam dar continuidade aos seus estudos e, a partir daí, conseguirem concluir a Educação Básica.

Esta função reparadora da EJA se articula com o pleito postulado por inúmeras pessoas que não tiveram uma adequada correlação idade/ano escolar em seu itinerário educacional e nem a possibilidade de prosseguimento de estudos. Neste momento a igualdade perante a lei, ponto de chegada da função reparadora, se

torna um novo ponto de partida para a igualdade de oportunidades.
(PARECER CNE/CEB 11/2000, p. 9)

A **função equalizadora** da EJA visa priorizar maiores oportunidades aos indivíduos que foram e são menos favorecidos, em relação à permanência na escola, seja por motivos de evasão, repetência, desigualdades sociais, entre outros. Assumindo esta função a escola deve ofertar mais vagas para alunos que possuem maiores dificuldades para estudar, na condição de trabalhadores, donas de casa, migrantes, alunos com histórico de reprovações e evasões e outros motivos diversos.

A função equalizadora da EJA busca inserir esses indivíduos desfavorecidos de volta ao ambiente escolar, para que, através da escola, eles possam se qualificar e assim conquistar novos espaços dentro da sociedade.

A reentrada no sistema educacional dos que tiveram uma interrupção forçada seja pela repetência ou pela evasão, seja pelas desiguais oportunidades de permanência ou outras condições adversas, deve ser saudada como uma reparação corretiva, ainda que tardia, de estruturas arcaicas, possibilitando aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços da estética e na abertura dos canais de participação. Para tanto, são necessárias mais vagas para estes "novos" alunos e "novas" alunas, demandantes de uma nova oportunidade de equalização.
(PARECER CNE/CEB 11/2000, p. 9)

Já a **função permanente** da EJA também denominada de qualificadora trata-se de uma função que busca proporcionar aos jovens e adultos uma educação que não vise o conhecimento como sendo algo fechado e acabado, mas que vise o mesmo como algo que está sempre em construção. Este conhecimento pode estar relacionado, ou não, ao conhecimento escolar.

Essa função baseia-se no fato de que o desenvolvimento do ser humano está sempre em construção. Ele nunca está completo e necessita de uma educação permanente que seja disponibilizada aos alunos constantemente.

De acordo com Freire (1996), “o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento”. (p. 50)

Através desta função os jovens e adultos adquirem a possibilidade de se qualificar e requalificar a cada dia; por toda a vida. Esta ideia de educação ao longo

da vida foi, inclusive, o tema da VI Conferência Internacional de Educação de Adultos (CONFINTEA), que aconteceu em Belém do Pará (Brasil), em 2009¹

Também, de acordo com a Comissão Internacional sobre a educação para o século XXI, o chamado Relatório Jacques Delors para a UNESCO:

Uma educação permanente, realmente dirigida às necessidades das sociedades modernas não pode continuar a definir-se em relação a um período particular da vida _ educação de adultos, por oposição à dos jovens, por exemplo _ ou a uma finalidade demasiado circunscrita _ a formação profissional, distinta da formação geral. Doravante, temos de aprender durante toda a vida e uns saberes penetram e enriquecem os outros. (DELORS, 1996, p. 89)

Como se pode deduzir, o sentido da EJA está diretamente ligado a esta função. Por meio dela, consolidamos a ideia de que o processo de aprendizagem de qualquer ser humano está sempre em construção. Esta evidência de que em todas as fases da vida estamos em processo de construção do conhecimento vem dar todo sentido e significado à EJA.

Dentro deste caráter ampliado, os termos “jovens e adultos” indicam que, em todas as idades e em todas as épocas da vida, é possível se formar, se desenvolver e constituir conhecimentos, habilidades, competências e valores que transcendam os espaços formais da escolaridade e conduzam à realização de si e ao reconhecimento do outro como sujeito. (PARECER CNE/CEB 11/2000, p. 12)

Di Pierro (2005) por sua vez mostra que:

Frente ao mundo inter-relacionado, desigual e inseguro do presente, o novo paradigma da educação de jovens e adultos sugere que a aprendizagem ao longo da vida não só é um fator de desenvolvimento pessoal e um direito de cidadania (e, portanto, uma

¹De acordo com a VI CONFINTEA “o papel da aprendizagem ao longo da vida é fundamental para resolver questões globais e desafios educacionais. Aprendizagem ao longo da vida, “do berço ao túmulo”, é uma filosofia, um marco conceitual e um princípio organizador de todas as formas de educação, baseada em valores inclusivos, emancipatórios, humanistas e democráticos, sendo abrangente e parte integrante da visão de uma sociedade do conhecimento”.

responsabilidade coletiva), mas também uma condição de participação dos indivíduos na construção de sociedades mais tolerantes, solidárias, justas, democráticas, pacíficas, prósperas e sustentáveis.(p. 3)

Essas três funções aqui abordadas se interligam e vêm contemplar o que hoje se defende para uma proposta político-pedagógica direcionada ao público da EJA.

Muitos jovens ainda não empregados, desempregados, empregados em ocupações precárias e vacilantes podem encontrar nos espaços e tempos da EJA, seja nas funções de reparação e de equalização, seja na função qualificadora, um lugar de melhor capacitação para o mundo do trabalho e para a atribuição de significados às experiências sócio-culturais trazidas por eles.(PARECER CNE/CEB 11/2000, p. 11)

Quanto à sua estrutura, atualmente a EJA se organiza da seguinte maneira: no Nível Fundamental ela possui dois segmentos que correspondem a quatro ciclos da Educação de Jovens e Adultos. O primeiro segmento corresponde aos ciclos I e II da EJA no qual os mesmos atendem as turmas de 2º e 3º anos do Ensino Fundamental I (ciclo I) e as turmas de 4º e 5º anos (ciclo II), o segundo segmento da EJA corresponde aos ciclos III e IV que atendem as turmas de 6º e 7º anos do Ensino Fundamental II (ciclo III) e 8º e 9º anos (ciclo IV).

Já no Ensino Médio a EJA é destinada as turmas de 1º, 2º e 3º anos desse Nível de Ensino.

Apesar de todas as dificuldades que levaram e levam tantos jovens e adultos a não conseguirem concluir a Educação Básica na idade *adequada*, a EJA poderá proporcionar a esses jovens e adultos condições para avançarem na construção do conhecimento e se posicionarem em pé de igualdade em relação aos outros estudantes que não tiveram suas trajetórias escolares interrompidas.

[...] construir, em suas atividades, sua identidade como expressão de uma cultura própria que considere as necessidades de seus alunos e seja incentivadora das potencialidades dos que as procuram. Tais unidades educacionais da EJA devem promover a autonomia do jovem e adulto de modo que eles sejam sujeitos do aprender a aprender em níveis crescentes de apropriação do mundo do fazer, do conhecer, do agir e do conviver.(PARECER CNE/CEB 11/2000, p. 35)

2.1 O jovem e sua opção cada vez mais frequente pela EJA

A partir dos anos 90 do século passado, um fenômeno vem sendo identificado nas salas de EJA: uma grande mudança em relação ao perfil dos alunos que frequentam essa modalidade de ensino, antes frequentada, em sua grande maioria, por um público adulto, que estava há muito tempo sem estudar, vem sendo cada dia mais frequentada por adolescentes e jovens.

Esse público que corresponde atualmente à grande maioria dos alunos da EJA, fazem parte da juventude. Mesmo admitindo que juventude é uma categoria que não é fácil de se definir, pois diversos autores apresentam conceitos diferentes sobre a mesma, pode-se dizer, em princípio, que juventude é entendida como o período da vida entre a infância e a fase adulta.

Martins (1997, p.99) ressalta que em sua compreensão os jovens são entendidos como sendo “aqueles que estão compreendidos na faixa etária que se estende dos 15 aos 25 anos”. Para Sposito (1996, p.98) “ser ou não ser considerado jovem depende de circunstâncias históricas determinadas, como é o caso, por exemplo, de algumas estatísticas de países europeus na atualidade, que consideram jovens os indivíduos que possuem até 29 anos”.

Já Brunel, (2004 apud MELUCCI 1997) destaca que “na sociedade contemporânea, de fato, a juventude não é mais somente uma condição biológica mas uma definição cultural” e que os jovens comunicam-se com o mundo e são reconhecidos pelo seu modo de ser e expressar.

Por sua vez, Arroyo define a juventude da seguinte maneira:

Esse tempo da vida foi visto apenas como uma etapa preparatória para a vida adulta. Um tempo provisório. Nas últimas décadas, vem se revelando como um tempo humano, social, cultural, identitário que se faz presente nos diversos espaços da sociedade, nos movimentos sociais, na mídia, no cinema, nas artes, na cultura ... Um tempo que traz suas marcas de socialização e sociabilidade, de formação e intervenção. (p. 21)

Entre os motivos que contribuem para que os jovens optem cada vez mais ce-

do pela EJA são apontados por Brunel (2004)² os fatores emocionais, socioeconômicos e familiares no qual os mesmos são mais determinantes que os fatores cognitivos, porém, não é possível eleger entre eles, um como principal.

Essa procura, cada vez mais cedo, dos jovens pela EJA, (é compreendida por BRUNEL) corresponde ao fato deles quererem através da EJA recuperarem o tempo perdido, o tempo que eles perderam através de reprovações, desistências ou afastamento da escola por diversos motivos como trabalho, gravidez, filhos e etc.

A este respeito, a autora apresenta o seguinte perfil destes alunos cada vez mais jovens, nas salas de EJA:

...muitos pararam há pouco tempo de estudar, são recém-egressos do ensino regular, e a maioria possui um histórico de várias repetências. Este fato, em alguns casos, faz com que o aluno perca o desejo de continuar na escola. A repetência de, no mínimo dois anos, faz com que este aluno “destoe” um pouco dos outros colegas, e como eles mesmos dizem: “professora, eu era a mais alta da turma” ou “ professora, só tinha criança na minha sala, eu não tinha com quem conversar”. (p. 10)

Ainda sobre o perfil desses jovens (melhor diríamos, adolescentes) continua a autora:

São alunos com histórias diferentes, mundos diferentes e comportamentos diferentes. Encontramos alunos que pararam de estudar por dificuldades financeiras; alguns porque reprovaram mais de uma vez, outros porque na adolescência desistiram dos estudos, porque achavam que a escola naquele momento não era prioridade para eles. O trabalho, as festas, a rua, as amizades e os amores eram mais importantes naquela fase da vida, e hoje a EJA apresenta-se como a alternativa mais rápida para a retomada da caminhada escolar. (p. 52)

Além destas razões, Brunel ressalta que a grande procura dos jovens pela EJA também está relacionada com a crise pela qual a escola passa abrangendo aspectos sociais, políticos e econômicos.

²Através de uma pesquisa realizada em Curso de Pós-Graduação com jovens de 18 a 25 anos de uma turma de ensino médio de uma escola de EJA do Estado do Rio Grande do Sul e em seguida transformada em livro, (jovens cada vez mais jovens na Educação de Jovens e Adultos), Brunel buscou identificar não só apenas através de dados estatísticos mas também por meio da trajetória escolar dos alunos quais eram os principais motivos pelos quais atualmente vem ocorrendo um real rejuvenescimento da população que frequenta a EJA pois a cada ano vem aumentando o número de jovens matriculados nessa modalidade de ensino.

Esta crise refere-se a situações que acontecem constantemente nos ambientes escolares como, por exemplo, muitos alunos não entendem de fato qual é o real sentido da escola e acabam, conseqüentemente, protagonizando a situação que se costuma expressar da seguinte forma: *os alunos fingem que estudam e muitos professores, também, fingem que ensinam.*

Parece não se ter dúvida de que a postura, tanto da escola, como dos professores, influencia bastante na permanência dos alunos na escola. Muitos alunos fazem a opção de estudar na EJA pois as escolas dessa modalidade de ensino são consideradas por muitos deles, como mais *flexíveis* em relação ao currículo, aos horários, as regras da instituição, quando comparadas às escolas de Ensino Regular.

Os alunos (jovens) buscam através da escola serem ouvidos, compreendidos, estudarem através de métodos que não sejam tão tradicionais (como predomina, ainda, em tantas escolas do ensino regular), buscam professores mais amigos, mais compreensíveis, que reconheçam seus potenciais e que não os rotulem negativamente, nem os desmotivem. Pelo contrário, que os escutem, os compreendam, que utilizem o diálogo em sala de aula, como forma de instigar a sua participação e se sintam, de fato, nos espaços e tempos em que seja reconhecidos como sujeitos do seu próprio processo de construção do saber.

Esta ideia é reforçada por Brunel ao afirmar que

Os alunos estão precisando ser ouvidos, e que, tão importante quanto a competência do professor ao transmitir o conteúdo em sala de aula, é a sua postura afetiva e de respeito, pois só assim o ambiente escolar será um lugar onde o aprender seja prazeroso, o saber importante e a escola tenha algum sentido nas suas vidas. (p. 25)

A propósito da prática pedagógica em salas da EJA, a autora enfatiza:

A escola, da sua gênese até os nossos dias, não modificou muito as suas práticas pedagógicas, e talvez, também por isso, ela se encontre em crise. Na maioria de nossas escolas, sejam elas públicas ou privadas os alunos ainda são obrigados a decorar longos textos, a disposição das cadeiras é a mesma na maioria das escolas. O discurso dos professores frequentemente é o mesmo após muitos anos de magistério. Muitas vezes encontramos professores que não conseguem um diálogo franco e aberto com seus alunos. Esta dificuldade de relacionamento é consequência de uma cultura

autoritária ainda hoje presente em nossa sociedade. A cultura do diálogo é nova. (p. 33)

Essa cultura autoritária citada por Brunel (2004) pode acabar gerando situações de fracasso escolar. Para Brunel (2004) apud Charlot (2000) nem sempre o “fracasso” é uma carência ou uma falta, pois o aluno que fracassa em uma determinada escola, poderia ter sucesso em outra; pode fracassar num determinado período e em outro não.

Por isso eles querem recuperar o tempo perdido que em muitos casos ocorreu devido ao fato de muitos dos alunos da EJA terem passado por históricos de repetências e, ao serem reprovados na escola regular, eles não querem mais voltar para a mesma e, então, optam pela EJA.

A reprovação e, por consequência, a repetência da série, tem significado a reiteração da “não aprendizagem” dos alunos. Repetir a mesma série, via de regra, resulta na repetição da experiência de insucesso, pois o ponto de partida na série repetida não é determinado pelo grau de conhecimento atingido, até então, pelo aluno, mas pelo currículo preestabelecido pela escola (MOLL, 1999, p. 47).

Outro fator relevante para que atualmente os jovens estejam cada vez mais frequentando turmas de EJA é o fato de muitos alunos terem se evadido da escola regular, em especial, da escola pública, pelo fato de a mesma apresentar tantos problemas como: faltas de professores - o que constitui um problema grave e permanente para a permanência dos alunos na escola regular; as greves; as más estruturas físicas da escola, a falta de investimentos do governo e etc.

A escola pública não anda bem, não porque faça parte de sua natureza não andar bem, como muita gente gostaria que fosse e insinua que é. A escola pública básica não anda bem, repetimos, por causa do descaso que as classes dominantes neste país têm por tudo o que cheira o povo. (FREIRE, 1995, p. 51)

Esses problemas que envolvem o sistema público de ensino, criam condições para que os alunos se sintam desmotivados, excluídos, o que pode gerar a evasão no Ensino Regular. E daí se justifica a procura pelas salas de EJA.

A opção pela EJA significa concluir a Educação Básica de maneira mais rápida, em um período de tempo mais curto do que o período cursado no Ensino *Regular*, pois ao concluírem o Ensino Médio se ampliam as possibilidades de entrar no mercado de trabalho e de ter acesso ao Ensino Superior, mais rapidamente. Para a maioria dos jovens é nesta fase que buscam se afirmar como sujeitos no mundo e definem expectativas de vida. E só a entrada no mercado de trabalho e a qualificação através do Ensino Superior lhes possibilitarão a realização desse sonho.

Quando questionamos os jovens sobre os motivos de sua inserção no mundo do trabalho, a maioria respondeu porque era pobre e precisava ajudar na família. Porém, quando aprofundamos a discussão nas entrevistas individuais e em grupos, outros motivos ficaram evidentes como: ter mais liberdade, garantir os estudos, ter dinheiro para comprar roupas e gastar no fim de semana, ter uma carteira de trabalho, etc. Entre esses jovens, o trabalho, ao mesmo tempo em que os coloca numa situação de explorados, possibilita a afirmação de sua identidade. Ao contrário do discurso moralizante de seus pais sobre a necessidade do trabalho para transformá-los em pessoas responsáveis, eles vêem no trabalho seu caráter provedor. (MARQUES, 1997, p. 71)

Diante do que foi ressaltado fica evidente que a procura pela EJA, cada vez mais cedo, se dá por diversos motivos, entre os quais, destacamos: a oportunidade de *recuperar* o tempo *perdido* através de reprovações; adiantarem o período de conclusão da Educação Básica; se sentirem em condições para entrar no mercado de trabalho ou de cursar uma Faculdade. Desta forma, estes jovens devem ser vistos como sujeitos com características, expectativas, necessidades, competências e potenciais como todos dessa categoria da qual fazem parte (juventude) e não apenas como sujeitos de carências e deficiências como, frequentemente, vêm sendo rotulados.

3. OS JOVENS E O MUNDO DO TRABALHO

Definimos como Trabalho um conjunto de tarefas realizadas pelo homem com o objetivo de se atingir algo, no qual todo trabalho exige tempo e esforço, seja ele físico ou intelectual.

Através do trabalho o homem pode ser recompensado materialmente ou não. Chamamos de trabalho assalariado a forma de trabalho onde o homem é recompensado materialmente pelo mesmo. Através do trabalho assalariado o homem consegue realizar seus sonhos e atingir suas metas de vida.

O trabalho possibilita ao homem a aprendizagem, a capacidade e o desenvolvimento de habilidades, através dele ou melhor, de sua prática no dia-a-dia o homem vai se aperfeiçoando.

Encontramos muitos tipos de trabalho, cada um a seu modo dentre eles destacamos o **trabalho em equipe**, que trata-se do trabalho que é realizado em grupo com a ajuda dos demais colegas de trabalho, buscando realizarem a tarefa juntos e o **trabalho voluntário** que é aquele em que alguém se disponibiliza a trabalhar sem cobrar ou receber nada em troca.

Ainda podemos destacar o **trabalho manual** que é realizado sem o auxílio de máquinas e o **trabalho fabril** que é realizado com o auxílio das mesmas; o **trabalho doméstico** que são os serviços realizados em casa e que não são remunerados; o **trabalho autônomo** que é o trabalho feito por conta própria, onde não é exigido nenhum contrato, diferente do **trabalho assalariado** que é regido por um contrato formal, determinando os direitos e deveres contratuais, como a duração, o salário, a carga horária e etc.

O trabalho já existe desde os tempos antigos, para Drucker (1995) “*o trabalho é tão antigo quanto o ser humano e sua essência*”.

Podemos comprovar isso por exemplo, no Brasil, desde a época dos índios, quando os mesmos ainda não tinham tido nenhum contato com a cultura e com os costumes dos brancos, mas já trabalhavam para a sua sobrevivência. Era um trabalho de colheita, pesca e caça, um trabalho que não gerava excedente. Trabalhavam para si próprios. Este trabalho era meramente uma complementação ao trabalho da natureza.

Mais adiante veio a época da agricultura onde o plantio tornou-se uma nova fonte de alimento. Considera-se que com o trabalho do plantio surgiram as noções de propriedade e de produto excedente. Foi com o trabalho agrícola que foi gerando riquezas que contribuíram para o desenvolvimento do trabalho artesanal e assim o comércio foi intensificado, o mesmo para funcionar depende do gasto de excedente agrícola e esse excedente gera uma fonte de riquezas.

Com o surgimento da Era Moderna vieram três fatores que impactaram a classe de trabalhadores, pois apareceu a possibilidade das máquinas substituírem os trabalhadores, isso causou uma grande preocupação entre os mesmos, pois perderiam a única atividade que lhes resta, e assim perderiam o sentido de suas vidas sem trabalhar.

No período da Modernidade houve um afastamento entre o local de trabalho e o local de moradia, o operário passou a ter que se locomover de sua residência até o seu local de trabalho que muitas vezes encontrava-se distantes um do outro. Enquanto os operários se deslocavam de suas casas para trabalhar, os artesãos trabalhavam em casa mesmo.

Na Era Industrial surge uma nova classe de trabalhadores, a classe feminina. As indústrias buscavam contratar mulheres, pois as mesmas reivindicavam menos e eram mais submissas, mantendo assim os lucros mais altos.

Com a chegada da Revolução Industrial, a maioria da população passou a oferecer o seu trabalho como forma de pagamento, pois não tinham ferramentas para trabalhar como artesãos. Já na Idade Contemporânea é que surge o conceito de emprego.

Desde a Idade Contemporânea até os dias atuais o conceito de emprego veio crescendo e tomando espaço na sociedade atual porém é necessário destacarmos que o trabalho e o emprego são coisas diferentes, mas há ainda quem os confunda.

De acordo com Souza (1986):

A conotação moderna do termo emprego reflete a relação entre o indivíduo e a organização onde uma tarefa produtiva é realizada, pela qual aquele recebe rendimentos, e cujos bens ou serviços são passíveis de transações no mercado (p.26).

O trabalho existe há bem mais tempo que o emprego, desde que o homem começou a transformar a natureza e tudo ao seu redor.

O trabalho trata-se de atividades que não necessariamente resultam em receber pagamento financeiro. Já o emprego é um cargo de um sujeito em uma empresa em que o sujeito recebe por seu trabalho, sendo assim um trabalho assalariado.

É o trabalho que possibilita o homem transformar a natureza e assim transforma-se, não há como transformar um, sem transformar o outro. É por meio dele que os homens se constroem como indivíduo, e se faz diferente da natureza.

(...) ao transformar a natureza, o indivíduo também se transforma. Primeiro, porque desenvolve *novas habilidades*. Em segundo lugar porque, para vencer a resistência que o ser opõe à sua transformação em objetos construídos pelos homens, é decisivo que venha a conhecer os *nexos causais* e as determinações mais importantes do setor da natureza que deseja transformar. Toda objetivação resulta em novos conhecimentos e novas habilidades – sendo breve, em novas possibilidades, e por isso, ao transformar a natureza, o indivíduo também se transforma. (LESSA, 1996, p. 11)

O ato de trabalhar hoje, é visto como um esforço planejado e coletivo, em que as pessoas são dependentes de organizações e de grandes empresas. Com isso o trabalho autônomo vai perdendo forças, enquanto o trabalho nessas organizações vai ganhando espaço dentro da sociedade atual.

3.1 Políticas públicas direcionadas a juventude

De acordo com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) as *“Políticas Públicas são um conjunto de ações e decisões do governo, voltadas para a solução (ou não) de problemas da sociedade.”*

No Brasil milhões de jovens continuam sem ter acesso aos direitos básicos, como: saúde, trabalho, cultura, educação, entre outros. Por isso torna-se importante destacarmos as políticas públicas de juventude desenvolvidas no país pois de acordo com a Cartilha Políticas Públicas de Juventude desenvolvida pela Secretaria Nacional de Juventude ao *“falar em políticas públicas de juventude significa tratar de políticas centrais para o desenvolvimento do Brasil, como uma dimensão territorial importante”*.(BRASIL, 2013, p. 7)

A igreja e as organizações não governamentais foram os primeiros a criar projetos direcionados aos jovens. Mas foi na década de 1990 que os problemas da juventude começaram a fazer parte da agenda social. Assim a juventude deixou de ser vista apenas como a fase de transição de adolescência para a vida adulta ou como um problema que ameaça de alguma forma a sociedade.

Em 2004 a Câmara Federal instituiu a Comissão Especial de Políticas Públicas da Juventude, criando assim o processo de discussão sobre a Constituição do Plano Nacional de Juventude e do Estatuto da Juventude. Além de nessa mesma fase a Emenda Constitucional 65, incluiu a palavra “jovem” na Constituição Federal.

Recentemente as questões juvenis entraram na agenda das políticas públicas. Contudo em 2005 elas começaram a ganhar força, com a implementação da Política Nacional de Juventude (PNJ).

Durante esse período, a juventude foi incluída na Constituição Federal, por meio da Emenda 65/2010. Assim foram feitos vários avanços na institucionalização da PNJ com a criação de órgãos e conselhos específicos nos Estados e Municípios.

Porém foi só em Julho de 2010 que foi promulgado, da Emenda Constitucional 65, a inclusão da palavra jovem no capítulo da Constituição Federal “da família, da criança, do adolescente e do idoso”. *Essa alteração criou condições para que sejam aprovados os projetos de lei que tramitam na Câmara dos Deputados, referentes ao Estatuto da Juventude (PL4.529/2004) e o Sistema Nacional da Juventude*. (BRASIL, 2013, p. 10)

Mesmo o Brasil tendo avançado nessas questões, os problemas não foram totalmente solucionados, pois o desemprego juvenil afeta bastante os jovens do mundo todo. A agenda enfrenta o desafio de combater o desemprego e assegurar o trabalho digno e adequado aos jovens.

Entretanto, as políticas públicas tinha restrição quanto ao mundo dos jovens e adolescentes com até 18 anos de idade. Foi com a mobilização e o debate público em torno do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que as políticas públicas enxergaram e garantiram os direitos da infância e dos adolescentes.

As políticas que eram voltadas para a população em geral atendiam a jovens com idade acima de 18 anos, e as políticas públicas atendiam a jovens que estavam em situações de risco social.

Em parceria com a Secretaria Geral da Presidência da República está a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) que tem como função articular os

programas e projetos no âmbito federal, para jovens com idade entre 15 e 29 anos. A SNJ tem mais responsabilidades como o de estimular a elaboração de políticas públicas para os setores juvenis municipal, estadual e federal; fazer uma interação entre os poderes Judiciário e Legislativo promovendo espaços para os jovens participarem da construção dessas políticas.

A Secretaria Nacional de Juventude trouxe uma série de programas e ações destinados aos jovens.

Em 2004, o Governo Federal reuniu 19 Ministérios e Secretarias Especiais, que tinham como objetivo criar bases para a Política Nacional de Juventude, levantando programas direcionados a juventude.

Por Medida Provisória convertida na Lei 11.129\2005, a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ), o Conselho Nacional de Juventude (Conjuve) e o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (Projovem). Tal medida representou o marco de uma política nacional de juventude porque criava um órgão responsável por coordenar e articular a política nacional, um conselho para propor, acompanhar, avaliar programas e ações, e um programa voltado para inclusão de jovens. (BRASIL, 2013, p. 9)

E foi nessa mesma fase que o Governo Federal começou a dar importância a juventude na construção da democracia, principalmente na parte da formulação, validação e acompanhamento das PPJ. Com isso o Estado pôde enxergar e reconhecer que o jovem não é mais um problema, e sim sujeitos de direitos.

Em 2011 a SNJ teve a seguinte iniciativa, incluir conteúdos, metas e dotação orçamentária para as diversas ações no Plano Plurianual 2012-2015 (PPA) através de um programa específico, que é o Programa Autonomia e Emancipação da Juventude. Esse programa pressupõe metas para se aprimorar as políticas juvenis. Ele está articulado com outras políticas e ações do Governo Federal, onde tem como desejo o de superar as desigualdades, estender a participação social, além de também oferecer mecanismos de desenvolvimento autônomo e emancipatório dos jovens. O PPA (Plano Plurianual) é: *“O planejamento inicial das ações e deverá ser elaborado no primeiro ano de Governo”*. (BRASIL, 2013, p. 31)

O Governo Federal através da Secretaria Nacional de Juventude estimula a transversalidade do tema juventude. Dessa forma, ajuda a definir os objetivos, formular e implementar programas e ações, a construir e definir os indicadores adequados para monitorar e avaliar das PPJ (Políticas Públicas da Juventude),

almejando assim aumentar os efeitos das ações do Governo Federal, além de promover o fortalecimento da participação dos jovens na luta pelos seus direitos.

O Conjuve contribui para o Estado que os jovens precisam e devem ser assegurados de seus direitos, pois elaborou as diretrizes da Política Nacional de Juventude.

O Conselho Nacional de Juventude (Conjuve), criado em fevereiro de 2005, é um espaço de diálogo entre a sociedade civil, o governo e a juventude brasileira. É um órgão consultivo e tem o objetivo de assessorar a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) da Secretaria Geral da Presidência da República na formulação de diretrizes da ação governamental; promover estudos e pesquisas acerca da realidade socioeconômica juvenil; e assegurar que a Política Nacional de Juventude do Governo Federal seja conduzida por meio do reconhecimento dos direitos e das capacidades dos jovens e da ampliação e participação cidadã. (GUIA DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE JUVENTUDE, 2006, p. 9)

O Conselho Nacional de Juventude é composto por representantes do poder público e da sociedade. Essa sociedade tem como representantes dois terços dos membros do Conselho e participam através de movimentos e redes de jovens, entre outras organizações não governamentais que lutam para assegurar os direitos da juventude. Fazem parte também do Conjuve os Ministérios que cria programas referentes aos jovens.

Levando em consideração a multiplicidade, a desigualdade e diversidade que permeiam as questões da juventude, o Conjuve afirma que: *“Em seus documentos que as demandas juvenis devem ser contempladas por meio de políticas universais, que levem em conta as singularidades juvenis.”* (BRASIL, 2013, p. 10)

Os documentos do Conselho Nacional de Juventude determina como vai ser a sub-divisão etária: jovem-adolescente entre 15 e 17 anos de idade; jovem-jovem entre 18 e 24 anos de idade; e jovem-adulto entre 25 e 29 anos. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) adotou essa mesma classificação para avaliar a realidade socioeconômica juvenil. Essa decisão de separar as faixas etárias foram para aperfeiçoar os programas, pois cada jovem com sua faixa etária tem suas especificidades, como por exemplo: um jovem de 16 anos enfrenta desafios diferentes do jovem que tem idade de 29 anos.

De acordo com a Cartilha Políticas Públicas de Juventude o Conjuve é *um espaço de monitoramento e proposição das políticas públicas de juventude na*

perspectiva de diálogo e articulação permanente com os conselhos estaduais e municipais, assim como as organizações infantis.” (BRASIL, 2013, p. 16)

A Pesquisa Nacional de Amostra Domiciliar (PNAD 2009) apresenta o quadro que mostra que o desemprego na juventude é quase três vezes maior que a taxa de desemprego adulto.

Os jovens que mais sofrem com a falta de emprego são principalmente negros, mulheres, moradores de área urbana, de baixa renda e baixo grau de escolaridade.

Geralmente quando são oferecidas as oportunidades de trabalho para a juventude, o trabalho normalmente tem curta duração e baixa remuneração, isso acaba gerando a falta de desenvolvimento profissional, além de, impossibilitar que os jovens sejam inseridos e permaneçam no mercado de trabalho.

Alguns dos programas desenvolvidos pelo Governo Federal possibilita ao jovem uma melhor maneira de se qualificar para assim poderem entrar no mercado de trabalho.

O Governo Federal vem trazendo ações que buscam proporcionar oportunidades e também assegurar os direitos aos jovens, para que assim os mesmos consigam recuperar a esperança para poder fazer parte da cidadania.

As oportunidades que são oferecidas são para que os jovens adquiram capacidades para que os mesmos tenham acessibilidade a educação e a se qualificar profissionalmente.

O Governo Federal criou programas que oferecem bolsas que são para remuneração dos jovens que tem o intuito de ajudá-los financeiramente, além de estimulá-los a se empenhar nos estudos e no trabalho.

Entre esses programas está o Projeto Agente Jovem de Desenvolvimento Social destinado aos jovens com idade de 15 a 17 anos que tem em seu lar uma renda de até no mínimo meio salário mínimo que vivem em áreas de baixa renda e de muita violência.

Esse Programa busca promover o desenvolvimento pessoal, social e comunitário, que funciona no horário oposto ao que os jovens estudam. O Programa exige que o jovem deve ter uma frequência de no mínimo 75%.

O valor da bolsa que os jovens recebem é de R\$ 65,00 por mês durante o período de 12 meses que os mesmos estiverem comparecendo ao Projeto.

O Projeto Agente Jovem tem como meta criar condições para ser inserido e reinserido no sistema educacional, além de preparar o jovem para ser agente transformador, para que assim aja fortalecimento na comunidade e na família.

Outro Programa importante é o Programa Brasil Alfabetizado que tem como meta alfabetizar jovens com mais de 15 anos de idade que não tiveram a chance de iniciar e concluir seus estudos.

O Programa começou a funcionar no ano de 2003, já trazendo transformações de campanhas de alfabetização em uma política pública.

Esse programa de alfabetização trouxe a garantia dos jovens de dar continuidade aos seus estudos. O programa tem duração de 8 meses. E ele tem parceria com o Ministério da Educação e Secretaria-Geral da Presidência da República.

O Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego (PNPE) originou-se no ano de 2003, e tem como objetivo reforçar a qualificação socioprofissional para assegurar a inclusão social e a inserção dos jovens no mercado de trabalho.

O público inserido no PNPE são jovens de 16 a 24 anos de idade que estão desempregados, que tem deficiência, que são afrodescendentes e indígenas, ex-presidiários e mulheres. O valor da bolsa oferecida aos jovens é de R\$150,00.

O PNPE é formado por seis modalidades. As principais são: o Consórcio Social da Juventude, o Empreendedorismo Juvenil e o Jovem Aprendiz.

O Consórcio Social da Juventude proporciona aos jovens a oportunidade de aprender as disciplinas gerais e capacitação profissional específica durante o período de 4 meses. O Empreendedorismo Juvenil que tem como ação estimular e incitar a geração de oportunidades de trabalho, ocupação e inserção social, visão empreendedora, entre outros, por meio de parcerias com instituições nacionais e internacionais de apoio aos jovens. E o Jovem Aprendiz que proporciona aos jovens de 14 aos 24 anos de aprenderem um trabalho ou profissão com contrato de trabalho determinado. As empresas que qualificam profissionalmente esses jovens devem disponibilizar em seu quadro no mínimo 5% e no máximo 15% de vagas para os jovens que deverão ser contratados. Essa cota é exigida e assegurada por lei. As empresas que contratam esses jovens usam o Sistema S ou entidades especializadas para qualificar profissionalmente os jovens.

3.2 O jovem e o primeiro emprego

Atualmente a busca dos jovens pelo primeiro emprego vem se tornando cada dia maior, principalmente por dois motivos: o de ordem moral e o de ordem financeira. Essa grande procura dos mesmos pelo tão sonhado primeiro emprego acaba fazendo com que muitos deles acabem iniciando no mercado de trabalho desenvolvendo o *trabalho* quelhes estiver disponível e não o trabalho que eles querem realizar.

De acordo com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – DIEESE, sobre emprego e desemprego, os jovens representam 45,5% dos desempregados, quase metade de todos os desempregados do país.

A população economicamente ativa com mais de 16 anos é minoria entre os que conquistaram um posto de trabalho. A fase mais crítica compreende o período entre os 16 e os 24 anos. Justamente porque é esta a fase da vida que coincide com a conclusão de uma formação e a busca de uma vaga no mercado de trabalho.(MEC/SECAD, 2007, p. 7)

Atualmente, muitos dos setores de serviços ampliaram as chances dos jovens encontrarem trabalho principalmente na área de vendas, de atendentes, de auxiliar, porém infelizmente esses jovens ainda passam por muitas dificuldades para poderem entrar no mercado de trabalho e conseguirem ter o seu primeiro emprego como: a falta de experiência profissional e de formação tanto escolar como profissional adequada.

A primeira dificuldade que esses jovens encontram é que, por definição, não têm nenhuma experiência de trabalho. E, na fila dos desempregados candidatos a cada emprego, sempre haverá, na atual situação do País, uma ou mais pessoas que tenham experiência em atuar no serviço para o qual há vagas. Ao contrário do que poderia parecer à primeira vista, fica mais fácil uma pessoa mais velha conseguir um emprego depois de ter perdido outro, do que uma pessoa mais nova conseguir um emprego pela primeira vez.(MEC/SECAD, 2007, p. 19)

Uma boa oportunidade para os jovens que não possuem experiência profissional mas que buscam se qualificarem profissionalmente é dada através da Lei do Aprendiz sancionada em 2000 e regulamentada em 2005 que enfatiza que

...a partir de 14 anos, se façam cursos profissionalizantes, nos quais a pessoa pode ficar até completar 24 anos (se a pessoa sofre de alguma deficiência, pode continuar como aprendiz depois dos 24 anos de idade). A cada contrato de aprendizagem, que tem de ser por escrito e não pode ter prazo de mais de dois anos, o empregador se compromete a instruir o aprendiz em tarefas específicas, adequadas para as características dos jovens, e o aprendiz se compromete a cumprir as tarefas que lhe são designadas. O contrato deve ser registrado na Carteira de Trabalho do Aprendiz, que, além do treino profissionalizante, deve freqüentar também o ensino fundamental até o fim. (MEC/SECAD, 2007, p. 31)

É necessário que os jovens que estiverem à procura do primeiro emprego possuam um determinado nível de escolaridade, pois caso ele não tenha obtido esse determinado nível exigido, ele rapidamente é eliminado por não possuir uma formação escolar.

Por outro lado, a saída da escola (término dos estudos escolares) acaba levando os jovens à perderem o espaço de socialização que lhes acolhe durante grande parte do período da infância e da adolescência no qual cada aluno é acolhido como sujeito social. Sarriera (2000), referindo-se ao jovem que termina o ensino médio, afirma:

A saída da escola supõe para o jovem um período de transição. Sai de uma instituição organizada e organizadora para um espaço social no qual o tempo e a atividade não estão tão estruturados. O papel, antes do aluno, torna-se um papel confuso e pouco definido. Esse novo espaço de transição é chamado de terra de ninguém, isto é, nenhuma instituição social se responsabiliza pelo jovem nessa fase. Nesse momento, o jovem passa a ser pressionado pela família para mostrar a sua capacidade de conseguir um trabalho que complemente a renda familiar (p. 45).

Segundo Wickert (2006) apud Pochmann, (2000), a grande maioria dos jovens brasileiros não acreditam que terão um futuro com boas perspectivas de vida em relação ao trabalho

Dados da Organização das Nações Unidas - ONU informam que a juventude brasileira se encontra em segundo lugar no ranking de pessimismo no que tange a trabalho. Sete em cada dez brasileiros não acredita que terá um futuro com condições de viver e trabalhar melhor que seus pais. (p. 263).

Ainda segundo o mesmo autor

... o jovem atualmente consegue trabalho em "bicos" ou estágios rápidos, nada que aponte a um futuro profissional ou a uma estabilidade. Tal cenário acaba confirmando a condição de vulnerabilidade social em que se encontra com relação à inserção e à continuidade profissional.(p. 263).

Diante das dificuldades enfrentadas pelos jovens para conseguirem conquistar o seu primeiro emprego vem tornando-se *natural* que muitos deles se desestimulem e acabem não acreditando num futuro melhor onde eles desenvolvam formas de trabalho mais favoráveis que as de seus pais, conseqüentemente através disso torna-se necessário que o governo se preocupe com a situação desses jovens que estão à procura do primeiro emprego e lhes possibilite maiores oportunidades de qualificações e experiências profissionais através de políticas públicas voltadas para a juventude, pois ao se motivarem e conquistarem maiores expectativas de vida estarão dando o primeiro passo para conquistarem o que desejam em relação às perspectivas de trabalho e emprego por eles almejadas.

4 RELAÇÃO ESCOLA X TRABALHO: VISÃO E VIVÊNCIA DOS JOVENS DA EJA

Neste capítulo procuramos registrar e analisar os dados da pesquisa realizada com jovens que cursavam a turma do 3º ano médio da EJA, em 2013, numa escola da rede pública, do Município de Bayeux.

Escolhemos como espaço para a nossa pesquisa a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Engenheiro José D'Ávila Lins, com sede no Centro da cidade de Bayeux/PB.¹ Esta escolha se deu pelo fato de ter sido esta escola o campo de estágios durante o Curso de Pedagogia.

Esta escola encontrava-se em processo de reforma da sua estrutura física. Por esta razão, os alunos do turno da noite foram encaminhados para ocuparem salas de outra escola, a Escola Municipal De Ensino Fundamental Fernando Cunha LimanoBairro Tambay.

A escola oferece as seguintes modalidades de ensino: Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano), Ensino Médio Regular e Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

No turno da noite onde a EJA é ministrada nesta escola, haviam 371 alunos matriculados no período 2013.1, distribuídos em 8 turmas (1º ano: 4 turmas, 2º ano: 2 turmas e 3º ano: 2 turmas). Já no período 2013.2 houve uma grande diminuição na matrícula do 1º ano da EJA, com apenas uma turma formada. No 2º e 3º anos foram formadas três (3) e duas (2) turmas, respectivamente. O total de matriculados neste período foi de 123 alunos, correspondendo a 1/3 da matrícula do período anterior. Segundo o Diretor da Escola, essa baixa na matrícula ocorreu por conta mudança provisória de prédio, mas que já dura há mais de um ano.

Os sujeitos da nossa pesquisa, como já mencionado acima, foram os jovens da turma do 3º ano, da Modalidade EJA. A nossa amostra contemplou em torno de 50% da turma, cuja matrícula era de 30 pessoas.

Entre os entrevistados há um predomínio de jovens entre 18 a 26 anos e apenas dois dos sujeitos da pesquisa possuem mais de 40 anos, 64% são do sexo feminino e 36% do sexo masculino, 21% são casados e 79% são solteiros.

¹Esta escola foi criada em 1983, inicialmente denominada como Escola Estadual D'ávila Lins - Ensino de 1º Grau, porém no ano de 1988, a mesma passou a denominar-se Escola Estadual de Eng. José D'ávila Lins - Ensino Fundamental, já em 1991 passou a atender também alunos do Ensino Médio passando assim a denominar-se Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Eng. José D'ávila Lins.

Apenas 50% dos entrevistados residem no mesmo bairro onde a escola de origem se situa (Centro). A maioria reside em outros bairros (Imaculada, Rio do Meio, Jardim São Severino, São Lourenço) todos mais distantes da escola no Bairro de Tambay, onde as salas passaram a funcionar durante a reforma do prédio da Escola D'ávila Lins.

Sobre as experiências anteriores com relação à escola, todos já haviam frequentado a escola antes: 71% frequentaram escolas públicas e 29% escolas particulares, todas localizadas em zona urbana.

A respeito do processo de alfabetização, todos os sujeitos entrevistados informam que foram alfabetizados na escola, com o professor (42% aos seis anos, 42% aos sete anos, 8% aos oito anos e 8% aos dez anos de idade).

Quando questionados sobre o histórico de reprovações 71% responderam que já foram reprovados e 29% nunca foram reprovados. Dentre os alunos que já foram reprovados 50% atribuem como motivo para essas reprovações as faltas durante o ano letivo, 25% apontam o fato de *bagunçar dentro da escola* como sendo um fator relevante para essas reprovações e 25% relataram que foram reprovados por motivo de doenças. Como se pode perceber, as justificativas para as reprovações, na visão desses jovens, sempre recaem sobre si próprios.

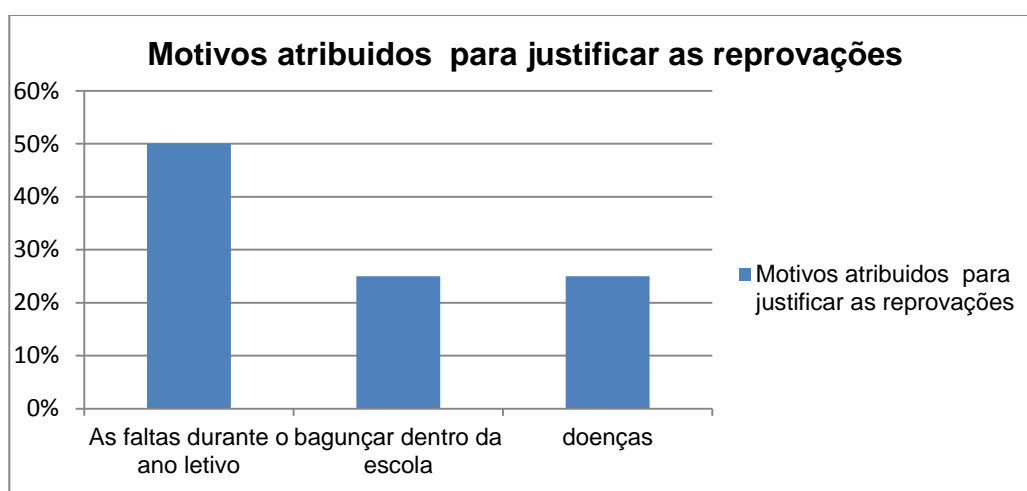


Gráfico 01 Fonte: Resultado da coleta de dados

Em relação às lembranças que eles possuem da escola, os mesmos citam como lembranças agradáveis: os amigos (58%), os professores (14%), o recreio (14%) e 14% apontam outras lembranças como desfiles cívicos, feira de ciências, namoros etc.

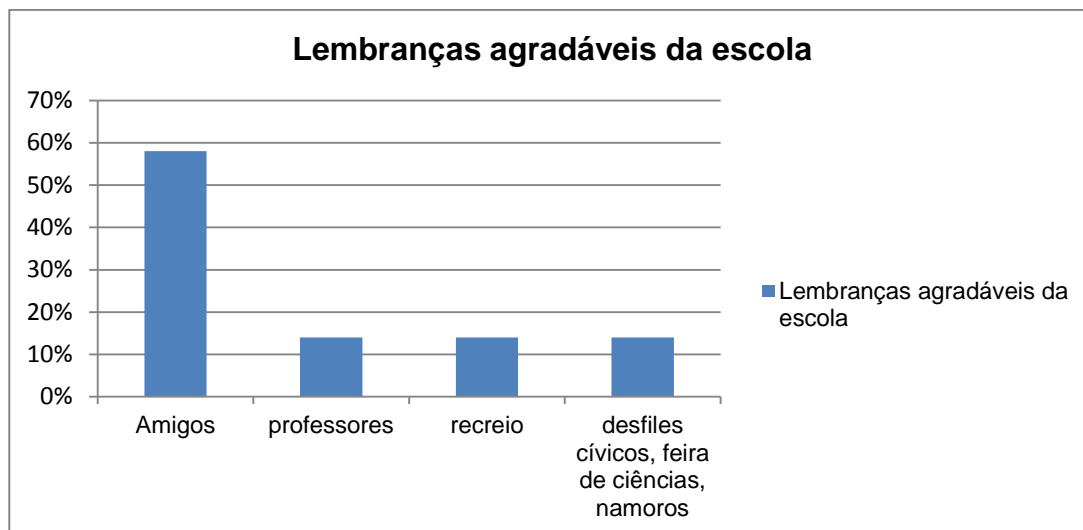


Gráfico 02 Fonte: Resultado da coleta de dados

Como lembranças desagradáveis 50% afirmam não ter nenhuma lembrança desagradável da escola. Os demais 50% apontam as brigas, os castigos, as provas, havendo, também os que citaram o fato de terem ficado para prova final na 7ª série, terem tido que estudar utilizando carteiras em mal estado e em escolas em péssimas estruturas.

A maioria (78%) afirma não enfrentarem dificuldades em relação aos conteúdos escolares. Os demais, (22%) disseram que possuem dificuldades em relação aos conteúdos, principalmente, em relação a disciplina História pois a mesma exige bastante leitura por parte dos alunos.

Estes depoimentos nos conduzem à reflexão a respeito da proposta pedagógica a ser encaminhada em salas de EJA. O esforço, para muitos deles, para dar conta de mais uma jornada de trabalho, o interesse que lhes movem para avançar nos estudos, as experiências que já possuem, a leitura e interpretação do mundo, que se revelam em valores e crenças e as próprias características de aprendizagem, torna esse público diferenciado das crianças e adolescentes que frequentam o Ensino Regular.

Neste sentido, Oliveira, (2001), enfatiza que

as situações de aprendizagem apresentadas não podem ser as mesmas do ensino regular, uma vez que os adultos possuem habilidades e dificuldades específicas, e uma capacidade maior de reflexão sobre si mesmo e o seu próprio processo de aprendizagem. Entre as dificuldades do aluno da EJA, relacionados à escola aparecem: a importância da experiência pessoal, as dificuldades

referidas à abstração dos conteúdos e à sistematização dos mesmos e o restrito uso de processos metacognitivos.(p)

Entre as disciplinas cursadas, a Matemática é a mais citada (42%) como a que menos gostam. Entre as que mais gostam, num percentual em torno de 21% citaram Língua Portuguesa e História. As disciplinas da área das Ciências da Natureza (Biologia e Física) e das Ciências Sociais (Geografia e Sociologia) são apontadas entre as que menos gostam.

No que diz respeito aos professores que foram marcantes durante a trajetória escolar dos mesmos 21% indicaram professores de Matemática, 14% de Português, 21% polivalente, 7% de Geografia, 7% de Biologia, 7% de História e 21% relataram não terem tido nenhum professor marcante.

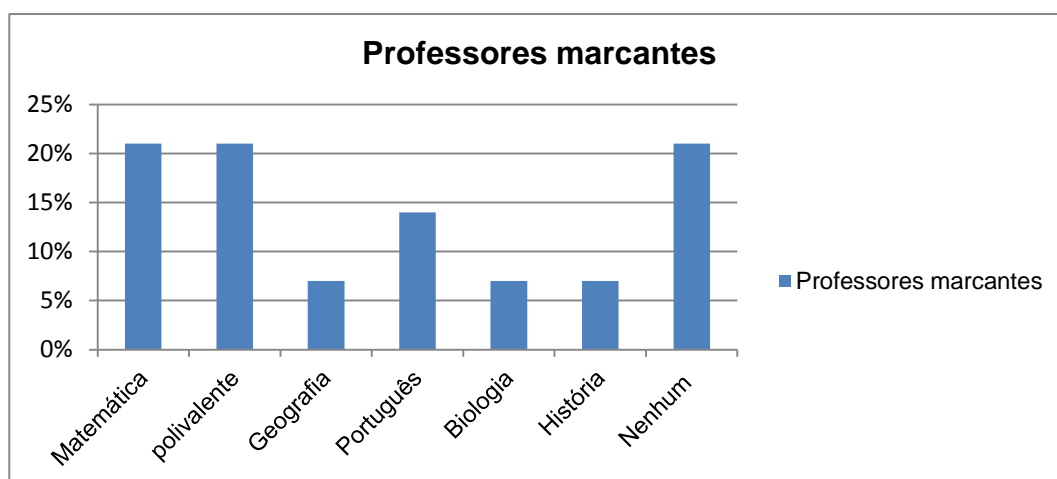


Gráfico 03 Fonte: Resultado da coleta de dados

Entre as justificativas, para terem sido apontados como professores marcantes, ressaltam por terem sido os melhores professores destas disciplinas, por terem ensinado a ler, por serem amigos, por serem sempre presentes e ainda pelo fato de *terem pegado no pé* do início do ano letivo até o fim.

O professor deixa suas marcas não apenas em relação ao conteúdo que lecionam, mas principalmente, na relação que estabelecem com os alunos, na sala de aula ou na escola.

Se vasculharmos nossas próprias lembranças da escola, tanto as boas quanto as más, veremos que o que fica na nossa memória não são só os conteúdos, mas marcadamente os professores. A figura do(a) professor(a) aparece, em nossas lembranças, como aquela que

marcou uma predileção por determinada área do conhecimento, como alguém que nos influenciou em nossas escolhas profissionais, mesmo como alguém com quem nada aprendemos ou até como aquela pessoa com quem não gostaríamos de nos encontrar na rua. Isso nos ajuda a compreender que o(a) professor(a) exerce um papel determinante e de responsabilidade tanto pelo sucesso quanto pelo fracasso escolar de qualquer um de seus alunos. (MEC/SECAD, 2006, p. 17)

Ao serem questionados a respeito do por que se distanciaram por um tempo, às vezes até por um longo tempo, da escola e dos motivos que os levaram a esse distanciamento 35% relataram que ficaram um ano afastados da escola, 21% dois anos, 7% um ano e meio, 7% quatro anos e meio, 7% dezesseis anos e 21% disseram nunca terem parado de estudar. Dentre os motivos que levaram os alunos a se afastarem da escola, 42% apontaram o trabalho como sendo o principal motivo para terem deixado de estudar e não terem conseguido concluir a Educação Básica. 21% apontaram o fato de terem que cuidar da família e dos filhos como sendo um fator justificante para a ausência da escola por um determinado período, 14% relataram que viajaram e que por esse motivo tiveram que se ausentar da escola, 14% citaram como motivo o desinteresse e 7% apontaram como motivo questões relacionadas a doenças.

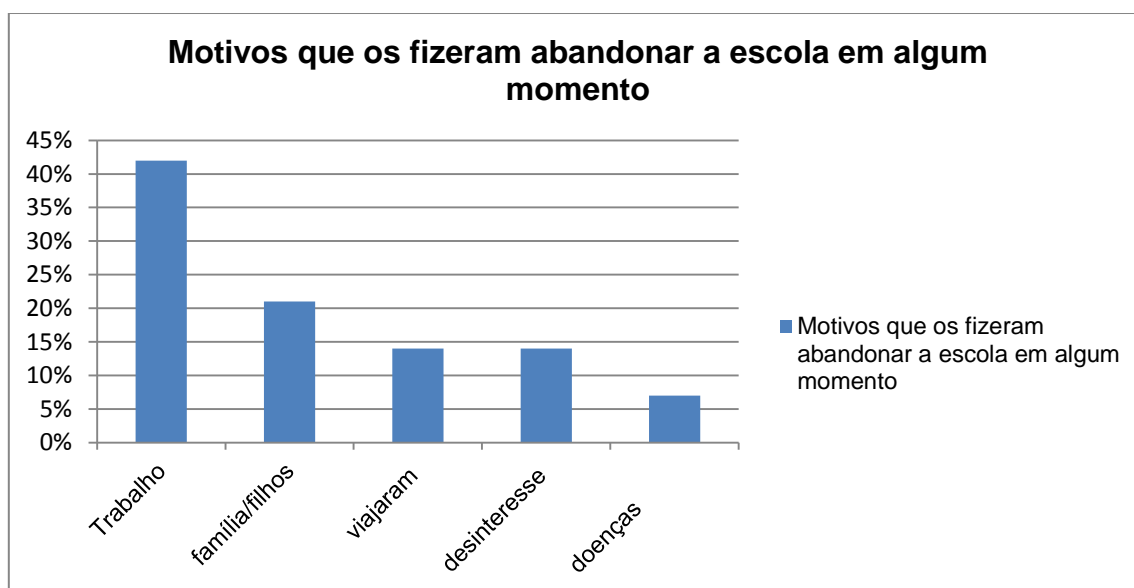


Gráfico 04 Fonte: Resultado da coleta de dados

O trabalho foi o principal motivo apontado pelos entrevistados como sendo um fator relevante para o distanciamento da escola pois os alunos que trabalham em especial os alunos da EJA abandonam a escola por não conseguirem conciliar o trabalho com os estudos. O aluno trabalhador tem uma rotina diária cansativa, pois além de exercer alguma forma de trabalho durante o dia, ainda tem que estudar à noite, e em razão dessa escolha a maioria dos alunos acaba abandonando a escola pelo cansaço.

Campos (2003) apud Fonseca (2002) vem reforçar esta ideia acrescentando a ausência de significado dos saberes trabalhados pela escola, quando afirma:

os motivos para o abandono escolar podem ser ilustrados quando o jovem e adulto deixam a escola para trabalhar; quando as condições de acesso e segurança são precárias; os horários são incompatíveis com as responsabilidades que se viram obrigados a assumir; evadem por motivos de vaga, de falta de professor, da falta de material didático; e também abandonam a escola por considerarem que a formação que recebem não se dá de forma significativa para eles. (p)

Esta mesma interpretação é dada por Queiroz (2011), p.3, apud Meksenas(1998), *os alunos são obrigados a trabalhar para o sustento próprio e da família. Exaustos da maratona diária e desmotivados pela baixa qualidade do ensino, muitos desistem dos estudos sem completar o curso secundário.*

Outro fator citado pelos entrevistados foi o desinteresse, Digiácomo (2011) afirma que

as causas da evasão escolar vão desde a necessidade de trabalho do aluno, como forma de complementar a renda da família, até a baixa qualidade do ensino, que desestimula aquele a frequentar as aulas, via de regra inexistem, salvo honrosas exceções, mecanismos efetivos e eficazes de combate à evasão escolar tanto em nível de escola quanto no nível de sistema de ensino, seja municipal, seja estadual. (p)

Sobre as relações atuais com a escola, uma primeira questão apresentada refere-se aos motivos que os levaram a voltar à escola. O trabalho volta a ser citado pelos sujeitos da pesquisa como sendo o principal motivo para eles estudarem na EJA à noite, sendo apontado por 42% dos entrevistados. 28% se matricularam na EJA para poder concluir o Ensino Médio mais rápido, 21% optaram pela Educação

de Jovens e Adultos por estarem fora da faixa etária para cursar o Ensino Médio regular e 7% informara como motivo, o fato de terem filhos.

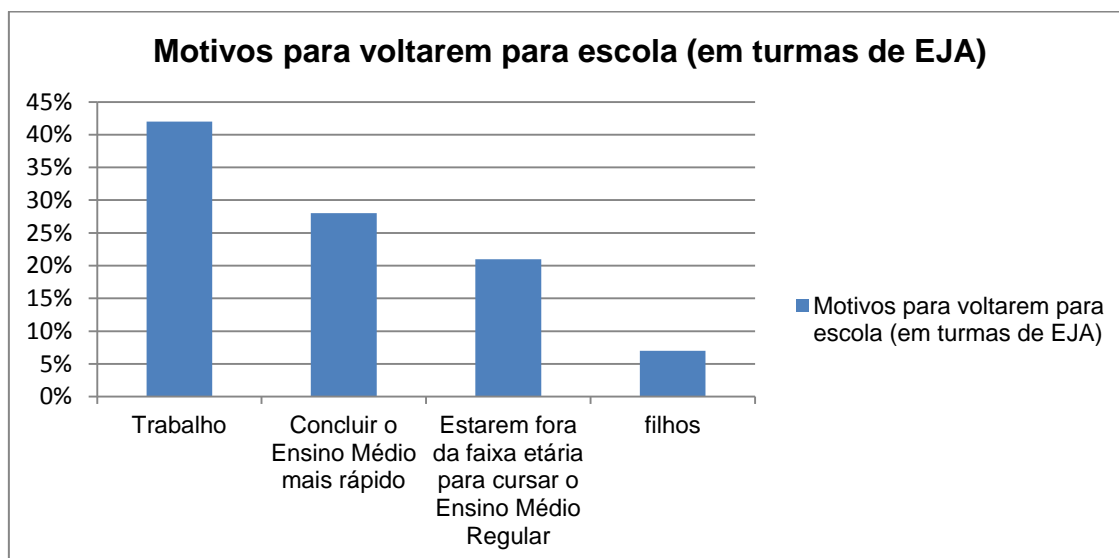


Gráfico 05 Fonte: Resultado da coleta de dados

Aqui nos chama a atenção como esta relação escola x trabalho é conflituosa: se em algum momento, para muitos jovens, pelo trabalho, se afastam da escola; em outras situações, o trabalho passa a ser a motivação para voltar à escola

Estudar à noite é considerado diferente para 50% dos jovens por considerarem o *tempo mais reduzido*. Os demais informam que é mais calmo; por já estarem cansados e, também, é mais *perigoso* que o diurno.

Na verdade, são várias as motivações que os levam a frequentar a escola, desde a vontade que os mesmos possuem de concluir o Ensino Médio; de querer aprender mais, de cursar a Universidade até em termos de perspectivas de vida, expressando o desejo de querer *evoluir futuramente* ou de *arrumar ou melhorar no emprego*.

Muitos alunos dizem estar na escola para poder “arrumar um emprego”, “conseguir um trabalho melhor”, “crescer na profissão”. Sabemos que nos centros urbanos e no âmbito do trabalho formal a escolarização básica e, muitas vezes, a conclusão do ensino médio, são pré-requisitos para muitos empregos. Ao preencher uma ficha atestando a não escolaridade muitas pessoas são excluídas de entrevistas ou da realização de seleção. (MEC/SECAD, 2006, p. 21)

Estes motivos podem ser, também, por situações bem mais específicas/particulares como: poder incentivar os filhos a estudarem e no caso específico de uma aluna acima de 40 anos ser exemplo de superação, pois a mesma estava há 16 anos sem estudar e por ter ficado anos sem estudar achava que não iria mais concluir o Ensino Médio.

Grande parte dos alunos jovens e adultos, que buscam a escola, esperam dela um espaço que atenda às suas necessidades como pessoas e não apenas como alunos que ignoram o conhecimento escolar. Por outro lado, todos eles acreditam que a escola possa imprimir-lhes uma marca importante e por isso apostam nela. (MEC/SECAD, 2006, p. 9)

Sem dúvida enfrentam dificuldades para frequentar a escola. Pelo menos foi o que expressaram metade dos entrevistados. Para muitos, a distância é uma delas e foi apontada por 35% dos entrevistados. Mencionam, ainda, os filhos pois muitas vezes são obrigados a faltarem às aulas por não terem com quem deixá-los.

Ao serem questionados a respeito se já pensaram ou tiveram vontade de desistir da Educação de Jovens e Adultos 71% dos entrevistados responderam que não e 28% disseram que sim, pelos motivos apontados acima.

Sabemos que a procura de jovens e adultos pela escola não se dá de formas simples. Ao contrário, em muitos casos, trata-se de uma decisão que envolve as famílias, os patrões, as condições de acesso e as distâncias entre casa e escola, as possibilidades de custear os estudos e, muitas vezes, trata-se de um processo contínuo de idas e vindas, de ingressos e desistências. Ir à escola, para um jovem ou adulto, é antes de tudo, um desafio, um projeto de vida. (MEC/SECAD, 2006, p. 8)

Mesmo enfrentando dificuldades, há sempre uma expectativa que lhes move e instiga a frequentar a escola. Todos ressaltaram que esperam da escola um bom aprendizado e 21% acrescentaram que também esperam melhoras na infraestrutura da mesma e 14% esperam que a escola lhes possibilitem fazer novas amizades.

Os jovens e adultos buscam na escola, sem dúvida, mais do que conteúdos prontos para serem reproduzidos. Como cidadãos e trabalhadores que são, esses alunos querem se sentirem sujeitos

ativos, participativos e crescer cultural, social e economicamente.(MEC/SECAD,2006, p. 11)

Conhecer outras pessoas, apropriar-se de elementos culturais diferentes dos seus, relacionar-se, são ações importantes para o crescimento pessoal de todos nós. É no contato com o outro e na vivência de relações e experiências diversas que enriquecemos nosso modo de ver e agir no mundo. Nesse sentido, a escola desempenha um papel importante: o de proporcionar esse encontro do(a) aluno(a) com as outras possibilidades de relação e de realização pessoal.(MEC/SECAD,2006, p. 24)

A grande maioria dos entrevistados (92%) disseram desejar ingressar em um Ensino Superior e revelam o desejo de cursar Pedagogia, Educação Física, Ciências da Computação, Direito, Comunicação Social (Rádio e TV), Administração e Engenharia Civil.

4.1 Os alunos da EJA e suas relações com o Trabalho

Ao serem questionados a respeito se já trabalham ou não, 78% responderam que já trabalham e 21% que ainda não trabalham.

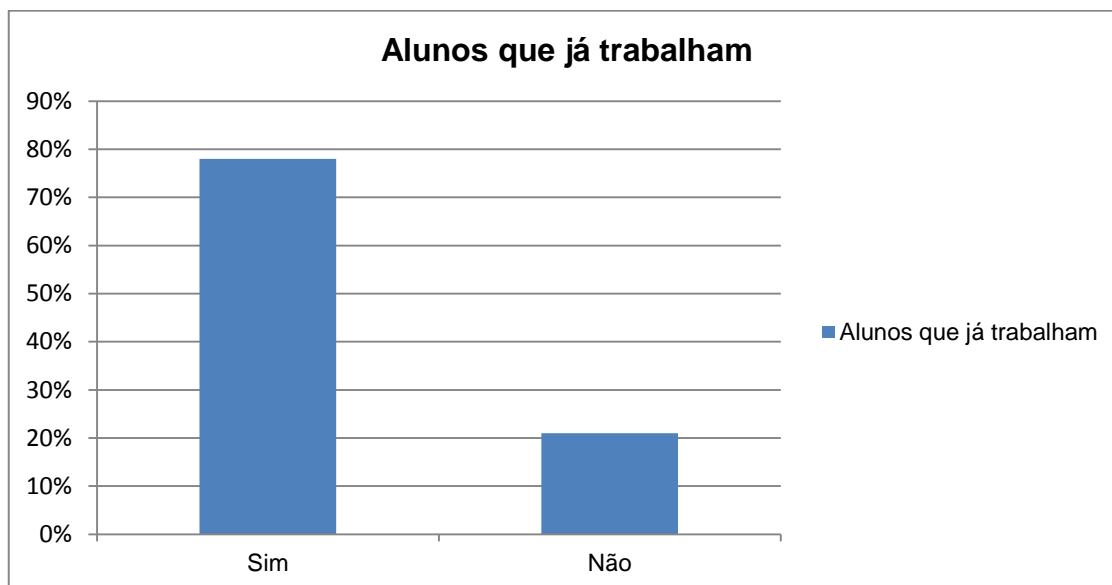


Gráfico 06 Fonte: Resultado da coleta de dados

Diversos tipos e meios de trabalho fazem parte do cotidiano dos alunos – trabalhadores da EJA que participaram da pesquisa, todos disseram gostar do trabalho que realizam.

O tipo de trabalho, o que precisam saber para realizar o mesmo e os motivos do por que gostam do que fazem em seus trabalhos, seguem na tabela abaixo.

Tabela – Informações sobre os tipos de trabalhos desenvolvidos pela turma

Nº	Já trabalha?		Qual seu trabalho?	Gosta do que faz?		Por que?	O que precisa saber para fazer seu trabalho?
	Sim	Não		Sim	Não		
01	X		Costureira	X		É diversificado	Costurar
02	X		Artesanato	X		É diversificado	
03	X		Jardineiro	X		Mexe com a natureza	Ter saúde e força de vontade
04	X		Fiscal	X		É um trabalho como qualquer outro	Tudo
05	X		Babá	X		Amo criança	Ter responsabilidade
06	X		Monitor em lan house	X		Gosto de informática	Ser boa em informática
07	X		Auxiliar Administrativo	X		É fácil	Ter atenção
08	X		Diarista	X		Gosto de fazer tarefas de casa	Serviços domésticos
09	X		Monitor em lan house	X		Gosto de informática	
10		X					
11	X		Vendedor	X		Faço novas amizades	Ser bom em informática
12		X					
13	X		Faxineiro				
14		X					

Fonte: Resultado da coleta de dados

Se cada região de nosso país tem suas particularidades em relação às demais, todas as salas de EJA se unificam em torno deste fato: a grande maioria dos alunos são trabalhadores que chegam para as aulas após um dia intenso de trabalho. É claro, que estas mesmas salas apresentam um número significativo de desempregados e de trabalhadores temporários ou informais.

Mas, sempre que pensamos em EJA temos que pensar que nossa atividade conta com mulheres e homens trabalhadores. Vale notar, ainda, que em todas as regiões do país, o trabalho é apontado pelos alunos de EJA tanto como motivo para terem deixado a escola, como razão para voltarem a ela. (MEC/SECAD, 2006, p. 19)

Como vimos na tabela acima, são diversos tipos de trabalho realizados pelos alunos da EJA que participaram da pesquisa vão desde trabalhos formais à trabalhos informais ou seja autônomos.

O mundo do trabalho se caracteriza hoje pela diversidade de atividades e vínculos. Nossos alunos, das classes de EJA, são muitas vezes pessoas que administram sua sobrevivência econômica: fazem “bicos”, são autônomos, circulam por diferentes profissões como auxiliares ou ajudantes de pintura, construção, serviços domésticos, venda ambulante etc. Possuir um certificado escolar ou profissionalizante não implica em garantia de trabalho, haja vista a quantidade de profissionais que formados numa área, atuam em outra. (MEC/SECAD, 2006, p. 21)

Grande parte destes trabalhadores tem uma longa jornada diária de trabalho, 42% com mais de 8 horas e alguns com até 11 horas por dia. Um outro aspecto a ser considerado é que entre eles há os que começaram a trabalhar ainda na infância e/ou na adolescência, aos 8, 13, 14 e 15 anos. Apenas 14% começaram a trabalhar após os 18 anos, idade que caracteriza o indivíduo diante da sociedade como maior de idade.

De acordo com Relatório Global sobre Trabalho Infantil da OIT, de 2011, há cerca de 250 milhões de crianças entre 5 e 17 anos trabalhando no mundo. Desse total, cerca de 115 milhões atuam em atividades perigosas, entre as quais estão as piores formas de trabalho infantil. (BRASIL, Portal. 2013)

O trabalho infantil é uma violação de direitos que impede o desenvolvimento pleno das capacidades e potencialidades das crianças e adolescentes. É, portanto, um fenômeno que exige monitoramento permanente. No Brasil, a partir dos 14 anos, a Constituição Federal prevê o trabalho como aprendiz e, aos 16 anos, já se permite o contrato normal de trabalho em atividades que não

sejam perigosas e insalubres e que não aconteçam em horário noturno. (BRASIL, Portal. 2013)

Conciliar os tempos com trabalho e estudo, para muitos correspondendo a 73%, é um desafio. Diante da necessidade de priorizar o trabalho possuem pouco tempo para se dedicar aos estudos. Principalmente para as mulheres, além de trabalhar ainda tem que estudar e cuidar da família, casa, filhos e etc. Mas há também os que declaram não enfrentar dificuldades porque escola e trabalho são em horários diferentes e 9% relataram não ter dificuldade pois “não tem preguiça”.

Diante deste perfil aqui esboçado muitos questionamentos podemos fazer; muitas reflexões podem vir à tona. Os alunos tem uma expectativa em relação à escola, mas até que ponto a escola planeja, organiza, se prepara, verdadeiramente, para corresponder a essa demanda? Existe espaço ou é dada oportunidade ao/s alunos para expressar estas suas expectativas e interesses? Como dar significado aos conteúdos se não disponho de informações sobre os alunos? Como a escola planeja as atividades pedagógicas para as turmas de EJA?

Em contato com uma professora dessa turma, tivemos oportunidade de entrevistá-la sobre questões da sua prática. Inicialmente informa que atua na Educação há 25 anos e na EJA há 5 anos. Adianta, também, que são os próprios professores da escola que elaboram o Plano de Curso para a EJA, segundo ela, considerando o perfil dos alunos. Porém, informa, que os conteúdos a serem trabalhados são selecionados com os alunos, durante o ano letivo. Não tivemos outras oportunidade de constatar ou acompanhar um destes momentos de escolha dos conteúdos. Admite que, quando os alunos da EJA chegam à escola, não é feito nenhum diagnóstico para se identificar os motivos que levaram os alunos a se matricularem na EJA, se eles já foram reprovados, há quanto tempo estavam sem estudar, porque pararam de estudar, o que eles esperam da escola e etc. No processo do dia-a-dia da sala de aula a professora utiliza textos impressos, a sala de informática e o quadro-negro. A escola não disponibiliza livros e nenhum outro material didático para ser utilizado pelos alunos e o processo avaliativo da escola é realizado através de provas e trabalhos. Aponta como maior dificuldade enfrentada pelos professores da escola o fato da grande maioria dos alunos da EJA passarem muito tempo sem estudar e quando voltam para a escola, eles voltam com a necessidade de "reaprender conteúdos que deveriam ter sido adquiridos e

aprendidos nos anos letivos anteriores". Acrescenta que tentam superar essa dificuldade "através de planejamentos e de projetos" por eles elaborados pois não há um plano de atendimento especial disponibilizado pela escola para trabalhar com esses alunos que estavam há muito tempo sem estudar e necessitam de uma atenção especial para com eles. Reforça a ideia dos motivos mais citados que os levaram a deixar a escola, em tempos passados (precisarem trabalhar, se casarem cedo e terem que cuidar da família, dos filhos) diz a professora. É de opinião que "as políticas públicas do governo devem ser mudadas para que então a situação de evasão no Ensino Regular seja amenizada e conseqüentemente não ocorra tanto aumento no índice de obrigatoriedade da EJA para que esses alunos evadidos do Ensino Regular possam concluir a Educação Básica".

Continuando, então, com as nossas reflexões e questionamentos: esta professora, com 25 anos de carreira no Magistério; através do seu depoimento, revela que não teve formação específica para atuar na EJA. Se não há um momento para conhecer melhor os alunos, saber das suas expectativas, das suas necessidades, dos seus interesses, das suas dificuldades, da sua capacidade de avançar na aprendizagem dos saberes escolares, de saber a respeito do que já sabem, como é possível planejar atividades compatíveis com o perfil da turma? Onde se pretende chegar? Como admitir como maior dificuldade para o trabalho na EJA seja a defasagem no tempo e dos conteúdos, se esta é exatamente uma das especificidades deste público? Não existe um local especial para trabalhar esta dificuldade. É esta exatamente uma das funções da EJA.

O papel do(a) professor(a) de EJA é determinante para evitar situações denovo fracasso escolar. Um caminho seguro para diminuir esses sentimentos de insegurança é valorizar os saberes que os alunos e alunas trazem para a sala de aula. O reconhecimento da existência de uma sabedoria no sujeito, proveniente de sua experiência de vida, de sua bagagem cultural, de suas habilidades profissionais, certamente, contribui para que ele resgate uma autoimagem positiva, ampliando sua auto-estima e fortalecendo sua autoconfiança. O bom acolhimento e a valorização do aluno, pelo(a) professor(a) de jovens e adultos possibilitam a abertura de um canal de aprendizagem com maiores garantias de êxito, porque parte dos conhecimentos prévios dos educandos para promover conhecimentos novos, porque fomenta o encontro dos saberes da vida vivida com os saberes escolares. (MEC/SECAD,2006, p. 18)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos com base nessa pesquisa e nas leituras realizadas, que os jovens vêm, cada vez mais cedo, optando pela EJA por diversas razões, as quais, destacamos: a oportunidade de *recuperar* o tempo *perdido* através de reprovações; desistências ou afastamento da escola por motivos como trabalho, gravidez, filhos; adiantarem o período de conclusão da Educação Básica; se sentirem em condições para entrar no mercado de trabalho ou para cursar uma Faculdade.

Apesar de todas as dificuldades que levaram e levam tantos jovens e adultos a não conseguirem concluir a Educação Básica na idade *adequada*, através da EJA esses jovens e adultos poderão adquirir condições para avançarem na construção do conhecimento e se posicionarem em pé de igualdade em relação aos outros estudantes que não tiveram suas trajetórias escolares interrompidas.

Com base na pesquisa de campo realizada com os alunos do 3º ano da modalidade EJA nível médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Engenheiro José D'ávila Lins no Município de Bayeux/PB, verificamos que o trabalho tanto é motivo de abandono como de volta para a escola.

É motivo de abandono pois muitos jovens e adultos que trabalham e estudam à noite acabam abandonando a escola por não conseguirem conciliar o trabalho com os estudos, já que o aluno trabalhador tem uma rotina diária cansativa, pois além de exercer alguma forma de trabalho durante o dia, ainda tem que estudar à noite, e em razão dessa escolha a maioria dos alunos acaba abandonando a escola pelo cansaço, falta de tempo, disposição e etc.

E também ao mesmo tempo o trabalho é motivo de volta para a escola pois os alunos almejam concluir a Educação Básica, aprenderem mais, para então terem melhores perspectivas de vida, de *evoluir futuramente* ou de *arrumar ou melhorar no emprego*, terem condições de poder cursar a Universidade entre outros.

Por fim retomando a questão que dá título ao nosso trabalho podemos argumentar que o trabalho assumido precocemente e/ou com árduas e longas jornadas diárias é, sem dúvida, um motivo para se abandonar a escola. Porém, não se pode simplificar esta explicação. Existem determinantes políticos, sociais, econômicos, culturais (aqui, incluindo os pedagógicos) que interferem ou geram este fenômeno. Neste sentido, o aluno, trabalhador ou não; jovem ou adulto, é vítima desse contexto.

Por outro lado, o retorno à escola após um longo período dela afastado, é para muitos um desafio e/ou vem carregado de expectativas em relação à escola. E nem sempre a escola responde ou corresponde a tais expectativas, por questões políticas e pedagógicas.

REFERÊNCIAS

ALVARES, S. C. **Educação Estética para Jovens e Adultos, a beleza no ensinar e no aprender.**São Paulo: Cortez, 2010. (coleção questões da nossa época; v.10).

ARROYO, Miguel González. **Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública.** In: SOARES, Leôncio Soares; GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de Castro. **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos.** 2ª. Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.19-50.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Coleção Cadernos de EJA – Alunos e Alunas da EJA .** Brasília : MEC, 2006.

Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ejacaderno.pdf>>. Acesso em 05 de Jan. de 2014.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Coleção Cadernos de EJA – Juventude e Trabalho.**Brasília : MEC, 2007. Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/06_cd_al.pdf> Acesso em 05 de Mar. de 2014.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura.**Cartilha Políticas Públicas de Juventude.** Brasília : MEC, 2013. Disponível em:<<http://www.juventude.gov.br/documentos/cartilha-politicas-publicas>> Acesso em 05 de Mar. de 2014.

BRASIL, Portal.**Governo e OIT debatem trabalho infantil em Conferência Global.** Publicado em 04/10/2013Disponível em:<<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2013/10/governo-e-oit-debatem-trabalho-infantil-em-conferencia-global>>. Acesso em 05 de Jan. de 2014.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional.

Brasília : MEC, 1996.

Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>> Acesso em 05 de Mar. de 2014.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **PARECER CNE/CEB 11/2000**. Brasília : MEC,2000. Disponível

em:<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf> Acesso em 18 de Jan. de 2014.

BRUNEL, Carmen. **Jovens cada vez mais jovens na educação de jovens e adultos**/ Carmen Brunel. – Porto Alegre: Mediação, 2004, 96p.

CAMPOS, E. L. F.; OLIVEIRA D. A. **A Infrequência dos alunos adultos trabalhadores, em processo de alfabetização, na Universidade Federal de Minas Gerais**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

DIGIÁCOMO, Murilo José. **Evasão Escolar: Não basta comunicar e as Mãos lavar**. Disponível em:<http://www.mp.ba.gov.br/atuacao/infancia/evasao_escola_murilo.pdf> Acesso em 31 de Ago. de 2013.

DI PIERRO, Maria Clara. **“Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil”** in *Educação e Sociedade*, vol.26 no.92 Campinas Oct. 2005. In: Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010173302005000300018&script=sci_arttext> Acesso em 18 de Jan. de 2014.

DRUCKER, Peter F. **Administrando em tempos de grandes mudanças**. 2 ed. São Paulo: Pioneira, 1995.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1995

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 1996 Disponível em:<http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf%5Cpedagogia_da_autonomia__paulofreire.pdf>Acesso em: 06. de mar. de 2014

Guia de Políticas Públicas de Juventude. Brasília: Secretaria-Geral da Presidência da República, 2006.48 p.: il. Disponível em:<<http://www.juventude.gov.br/conjuve/documentos/guia-de-politicas-publicas-de-juventude>>Acesso em: 06. de mar. de 2014

LESSA, Sérgio. **A centralidade ontológica do trabalho em Lukács**. In: **Serviço Social & Sociedade**. nº 52, ano XVII, Dezembro 1996. pp. 7-23.

MARQUES, Maria. S. **Escola noturna e jovens**. Revista Brasileira de Educação/Anped. Nº.s 5 e 6, mai/dez, 1997, p. 63-75

MARTINS, Heloisa. T.S. **O jovem no mercado de trabalho**. Revista Brasileira de Educação/Anped. Nº.s 5 e 6, mai/dez, 1997, p. 96-108

MOLL, Jaqueline. **Alfabetização possível – Reiventando o ensinar e o aprender**. Porto Alegre: Mediação, 1999

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem**. RIBEIRO, V. M. (Org.). In: Educação de Jovens e Adultos: novos leitores, novas leituras. São Paulo: Ação Educativa; Campinas: Mercado das Letras, 2001, p. 15-44.

OLIVEIRA, Paula Cristina Silva de. **“Evasão” Escolar de alunos trabalhadores na EJA**. Disponível em:<http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Arquivos_senept/anais/terca_tema6/TerxaTema6Artigo10.pdf>. Acesso em 31 de Ago. de 2013.

POCHMANN, M. **A Batalha pelo Primeiro Emprego**. São Paulo : Publisher Brasil, 2000.

SARRIERA, J. C. et alli. Os (Des) Caminhos dos Jovens na sua Passagem da Escola ao Trabalho. In **Psicologia Comunitária: Estudos Atuais**. Jorge Castellá Sarriera (org). Porto Alegre : Sulina, 2000, pp.45-63.

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Conceitos de Políticas Públicas**. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/customizado/politicas-publicas/135-24-conceitos-de-politicas-publicas/BIA_13524> Acesso em 17 de Mar. de 2014.

SOUZA, Paulo Renato. **O que são empregos e salários**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SPOSITO, Marília Pontes. **Juventude: Crise, identidade e escola**. In: **Múltiplos olhares sobre a educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 1996.

STRELHOW ,Thyeles Borcarte. **Breve História sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. Disponível em <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/38/art05_38.pdf> Acesso em: 06. de mar. de 2014

QUEIROZ, Lucicleide Domingos. **Um estudo sobre a Evasão Escolar: Para se pensar na Inclusão Escolar**. Disponível em: <www.anped.org.br/reunioes/25/lucicleidedomingosqueirozt13.rtf>. Acesso em 31 de Ago. de 2013.

UNESCO. **CONFITEA V. Declaração de Hamburgo sobre a educação de adultos: agenda para o futuro**. Hamburgo: UIE/UNESCO, 1997. Disponível em <<http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/ue000006.pdf>> Acesso em: 06. de mar. de 2014

UNESCO. **CONFITEA VI. Marco de Ação de Belém. Brasília, 2010** Disponível em <http://www.unesco.org/fileadmin/MULTIMEDIA/INSTITUTES/UIE/confitea/pdf/working_documents/Belem%20Framework_Final_ptg.pdf> Acesso em: 06. de mar. de 2014

UNESCO. **Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI.** São Paulo: Cortez; Brasília/DF: MEC: UNESCO, 1996. Disponível em <http://www.pucsp.br/ecopolitica/documentos/cultura_da_paz/docs/Dellors_alli_Relatorio_Unesco_Educacao_tesouro_descobrir_2008.pdf> Acesso em: 06. de mar. de 2014

WICKERT, Luciana Fim. **Desemprego e Juventude: Jovens em Busca do Primeiro Emprego** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v26n2/v26n2a08.pdf>. Acesso em: 06. De mar. de 2014

ANEXOS

Identificação:

Nome: _____

Idade _____ Sexo: () M () F Estado civil: _____

Bairro onde reside: _____ Origem: () campo () cidade

1) Relação com a ESCOLA: Experiências anteriores e Experiências atuais

- a) Com que idade e onde você foi alfabetizado? _____

- b) Antes de estudar nessa escola você freqüentou escola:
() pública ou () particular () escola do campo ou () escola da cidade
- c) Você já foi reprovado alguma vez? () Sim () Não
Em qual série: _____ No seu entendimento, qual foi o principal motivo
dessa reprovação?

- d) Cite uma lembrança agradável da escola

- e) Alguma lembrança desagradável? Qual?

- f) Algum professor/a foi marcante na sua trajetória escolar? Qual? Porque?

- g) Por que motivo você se matriculou em uma turma de EJA?

- h) Há quanto tempo você estava sem estudar, porque parou de estudar; (o que
a/o impediu de concluir os estudos antes?

- i) O que mais lhe motiva a vir á escola?

- j) Porque você estuda à noite?

- k) Estudar à noite é diferente de estudar durante o dia? Porque?

- l) Qual a disciplina que você mais gosta? _____
- m) E a que menos gosta? _____

n) O que você espera da escola? (necessidades, interesses)

o) O que você aprende na escola é útil na sua vida? () Sim () Não.

Justifique sua resposta:

p) Você enfrenta alguma dificuldade para poder freqüentar a escola ou para estudar?

q) Você já sentiu vontade de deixar de frequentar suas aulas de EJA?

() Sim () Não

r) Porque?

s) Você acha as aulas da sua turma de EJA interessantes/estimulantes?

() Sim () Não

Caso tenha respondido que não, que sugestões você daria para tornar as aulas de EJA mais interessantes?

t) Você sente muitas dificuldades em relação aos conteúdos escolares?

() Sim () Não

Qual a sua maior dificuldade em relação aos mesmos?

u) Porque para você, concluir os estudos é importante/essencial?

v) Você deseja cursar um ensino superior?() Sim () Não

Qual curso? _____

1) Sobre o trabalho:

1) Você trabalha? () Sim () Não

2) Em caso negativo, por que? _____

3) Em caso positivo: a) Qual é o seu trabalho? _____

b) Você gosta do que faz? Por que? _____

c) Horário de trabalho: Das _____ às _____ h.

d) Com quantos anos iniciou no mercado de trabalho? _____

e) O que você precisa saber para fazer o seu trabalho? _____

f) Você sente dificuldade em conciliar o trabalho com os estudos?() Sim () Não

Por que? _____

g) Você acredita que por já trabalhar você não precisa mais estudar?

() Sim () Não () Tanto faz

h) Por que? _____

Qual é o seu nome?_____ Formação?_____

Há quanto tempo atua na educação?_____ E na EJA? _____

Roteiro de Entrevista – Professor

1. Quando a/o aluna/o da EJA chega à escola é feito um diagnóstico:

() Sim () Não

a. Do que levou a/o(s) aluna/o(s) procurar a escola?

b. Se ele já estudou antes (EM CASO AFIRMATIVO): se já repetiu de ano, há quanto tempo está sem estudar, porque parou de estudar; (EM CASO NEGATIVO), o que a/o impediu de estudar?

c. O que ele espera da escola? (necessidades, interesses)

d. Que concepção traz de escola?

e. Que conhecimentos possuem em cada área/disciplina?

2. O que é feito com esse diagnóstico?

3. É elaborado um plano de curso considerando o perfil do aluno que se tem e se pretende formar; os interesses, necessidades e saberes que esse aluno possui e necessita aprender?

() Sim () Não

4. Como são selecionados os conteúdos que são trabalhados com os alunos da EJA?

5. Eles são significativos para os alunos? Por quê?

6. O que é fundamental trabalhar com eles?

7. Como é desenvolvido o trabalho (metodologias utilizadas, recursos etc.) com os alunos da EJA?

8. Quais os desafios e dificuldades enfrentados no processo ensino-aprendizagem dos alunos da EJA?

9. Como as/os professoras/es se organizam para superar esses desafios/dificuldades dos alunos?

10. Há um plano de atendimento especial para trabalhar com alunos que estava há muito tempo sem estudar e/ou que necessitam de um reforço? Quem o elabora? Quem o executa?

11. Como é o processo avaliativo da escola? E a sua prática avaliativa. Você considera que a avaliação interfere na permanência ou não dos alunos na escola? Por quê?

12. Em sua opinião, por que muitos alunos não permanecem na escola?

13. O que deve ser mudado para amenizar a situação de evasão?

14. O que você propõe para garantir o acesso, a permanência e conclusão do processo escolar do aluno da EJA com sucesso?



Alunos do 3º ano da modalidade EJA nível médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Engenheiro José D'ávila Lins - Bayeux/PB. (2013)